

A vertical photograph of a forest path. The path is a dirt road that recedes into the distance, flanked by tall, slender trees. The scene is shrouded in a soft, golden mist or fog, with light filtering through the canopy, creating a serene and ethereal atmosphere. The text is centered in the upper half of the image.

**Igreja de Deus
Através dos Tempos**

Igreja de Deus

Através dos Tempos

Por John H. Ogwyn

A Igreja de Deus tem resistido através dos tempos. É um "pequeno rebanho" (Lucas 12:32), mas Deus sempre permaneceu fiel à sua promessa de que "as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mateus 16:18). Neste livreto revelador, você encontrará um breve relato da fascinante história da verdadeira Igreja de Deus.

Capítulo 1:

O que Aconteceu com a Igreja?

Jesus Cristo disse: “edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela”(Mateus 16:18). Qual igreja construiu Jesus e o que aconteceu com ela?

Quando a Bíblia fala da Igreja, nunca fala de um edifício - nem de uma organização humana incorporada sob autoridade. A palavra na língua grega que é traduzida como "igreja" em Inglês é ekklesia. É derivado de duas palavras de raiz em grego e literalmente significa " chamado para fora " ou "chamado de". Em uso secular, se referia a uma assembleia de cidadãos que foram "chamados" dos habitantes da cidade considerando alguma questão de importância. Foi usado frequentemente na tradução grega do Antigo Testamento referindo-se à congregação de Israel ou à assembleia do povo de Deus. “Congregação” ou “assembleia” expressa o significado no uso do Novo Testamento também.

No entanto, o aspecto “chamado” da ekklesia é fundamental para compreender a Igreja. Em Gênesis 12, lemos que Abraão foi "Chamado" por Deus de Ur dos Caldeus. Em Êxodo 12, lemos dos

descendentes de Abraão, os filhos de Israel, sendo "chamados" por Deus do Egito. Eles então se tornaram a congregação de Israel ou a "congregação no deserto" (Atos 7:38, KJV).

Um dos últimos avisos de Deus para o Seu povo foi um chamado para "sair" da Babilônia (Apocalipse 18: 4). Os santos de Deus não devem participar nesses pecados corruptos da cultura do tempo do fim, para que não participem das punições divinas que a "Babilônia" receberá.

Jesus deixou claro que não se pode vir a Ele e fazer parte da Sua Igreja, sem ser chamado pelo Pai (João 6:44). Só quem responder ao chamado do Pai, através do arrependimento e batismo, receberá o Espírito Santo (Atos 2:38), e é somente através do Espírito Santo de Deus que nós nos tornamos parte da Igreja que Jesus construiu (Romanos 8: 9; 1 Coríntios 12:13).

O que aconteceu com a Igreja que Jesus Cristo disse que Ele construiria? Adaptou-se e mudou com os tempos através da revelação progressiva? Ele se desviou "da pista" e precisa passar por uma reforma nas mãos de homens como Martinho Lutero e João Calvino? Ou tem havido um corpo dos crentes, através dos séculos, continuando a acreditar e praticar as mesmas doutrinas que Jesus Cristo e os Apóstolos do primeiro século ensinaram?

Quando olhamos para a história convencional, a Igreja Cristã Professora ao longo dos séculos, parece ser uma igreja muito diferente da que está descrita nas páginas do seu Novo Testamento. No livro de Atos, vemos que a Igreja de Deus celebrava os dias santos "judaicos" (Atos 2: 1; 13:14, 42, 44; 18:21), falou sobre o regresso de Jesus Cristo para julgar o mundo (Atos 3: 20-21; 17:31) e acreditava no estabelecimento literal do Reino de Deus na terra (Atos 1: 3, 6; 28:23).

No entanto, menos de 300 anos depois, encontramos uma igreja reivindicando origem, mas observando o "dia venerável do Sol" no lugar do sábado do sétimo dia. Quando aquela igreja reuniu seus bispos para discutir assuntos doutrinários no Concílio de Nicéia, a reunião foi presidida por um imperador romano -

Constantino! Como poderia tal transformação surpreendente ocorrer? O que aconteceu?

O autor protestante Jesse Lyman Hurlbut reconheceu a dramática mudança que aconteceu. Em seu livro *A História da Igreja Cristã*, ele escreveu: "Por cinquenta anos depois da vida de São Paulo, uma cortina paira sobre a igreja, através da qual nos esforçamos em vão olhar; e quando finalmente sobe (a cortina), cerca de 120dC com os escritos dos primeiros pais da igreja, encontramos uma igreja em muitos aspectos muito diferente do que nos dias de São Pedro e São Paulo" (p. 41). A história da igreja cristã entre o Pentecostes de 31dC e o Concílio de Nicéia, em 325 dC, quase 300 anos depois, é verdadeiramente surpreendente. Isto é a história de como a ortodoxia de ontem se tornou a heresia de hoje e como antigas heresias passaram a ser consideradas doutrina cristã ortodoxa. É a história de como a tradição da igreja e o ensinamento dos bispos vieram a suplantam a Palavra de Deus como fonte de doutrina. É uma história que é mais estranha que ficção, mas ainda é historicamente verificável.

Simão e “Outro Evangelho”

Em Atos 8, somos apresentados a um homem que foi usado por Satanás para infiltrar e subverter a Igreja de Deus. Este homem era Simão, o feiticeiro de Samaria, mais conhecido na história secular como Simão Mago. Simão foi considerado pelos samaritanos para ser representante divinamente escolhido de Deus (Atos 8: 9–10) Eduard Lohse, escrevendo no *The New Testament Environment*, afirma que a expressão “o grande poder de Deus” representa a “Afirmação de Simão ser portadora da revelação divina” (p. 269). Simão foi batizado e tornou-se um cristão nominal, juntamente com o resto dos samaritanos. No entanto, o apóstolo Pedro reconheceu os verdadeiros motivos de Simão. Em Atos 8: 22-23, Pedro repreendeu-o nos termos mais fortes como sendo "no fel da amargura e no laço da iniquidade" (KJV).

Quem eram os samaritanos? O livro de 2 Reis nos diz que quando as dez tribos de Israel do norte foram deportadas pelo rei da Assíria, Babilônios foram assentados em seu lugar. Estes samaritanos babilônicos continuaram a praticar o seu antigo paganismo babilônico, mas com o acréscimo infusão de terminologia bíblica para obscurecer o que eles estavam fazendo (2 Reis 17:33, 41). Embora professassem adesão ao Deus de Israel, eles na realidade não obedeceram a lei de Deus (v. 34). De fato, como é claro nos livros de Esdras e Neemias, eles se tornaram inimigos da verdadeira obra de Deus.

Os samaritanos, assim como os judeus, se dispersaram por toda parte no mundo conhecido no resultado das conquistas de Alexandre, o Grande. Havia colônias samaritanas em vários grandes centros da região do Império Romano, incluindo Alexandria, Egito e Roma. Simão tinha admiradores e adeptos entre essas pessoas.

Samaritanismo, com sua mistura de paganismo babilônico e serviço de boca para o Deus de Israel, também foi fortemente influenciado pela filosofia grega. Simão Mago adicionou a isto um reconhecimento de Jesus Cristo como o Redentor da humanidade. No entanto, como Jesus explicou: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus”(Mateus 7:21). Simão usava o nome de Jesus, mas dava uma mensagem diferente - uma mensagem que anulava realmente a necessidade de obedecer a Deus e guardar os Seus mandamentos!

O manual de Eerdman para a História do Cristianismo diz, “Os primeiros escritores cristãos consideravam Simão como a fonte de todas as heresias” (p. 100). A Enciclopédia Britannica (11ª ed.) Em seu artigo sobre Simão Mago ele identifica-o como o "fundador de uma escola de gnósticos e como pai de heresia". O historiador Edward Gibbon diz que os gnósticos "misturado com a fé de Cristo muitos princípios muito sublimes mas obscuros que eles derivaram da filosofia oriental” (O triunfo da cristandade no Império Romano, p. 15).

Gnosticismo (o termo é derivado da palavra grega para conhecimento) era um modo de vida altamente intelectual. Ele representava uma mistura da religião babilônica de mistério, especulação filosofia grega e uma sobreposição bíblica terminologia. Entre os gnósticos, os relatos bíblicos não foram tomados literalmente, mas foram tratados como alegorias usadas para ensinar "verdades" mais profundas. “O relato em mosaico da criação ... foi tratado com profundo escárnio por os gnósticos” (Gibbon, p. 13). O gnosticismo enfatizou o dualismo pagão com sua ênfase na imortalidade da alma e no mal inerente da matéria. Também introduziu muita especulação vã sobre a natureza de Deus e reino do espírito. Vários livros do Novo Testamento - incluindo o Evangelho de João, Colossenses e 1 João - foram escritos para refutar as heresias gnósticas que Simão Mago e muitos outros começaram a espalhar.

A cultura helenística, que permeou o Oriente Médio e Regiões mediterrâneas, era uma cosmovisão alternativa - uma concorrente à perspectiva de valores da Bíblia. Ela estressou a supremacia da razão e da lógica, em vez da revelação divina. Os gregos posteriores, envergonhados pelas travessuras irreverentes de seus antigos deuses e heróis nas escrituras de Homero e Hesíodo, procuraram explicá-los como profundas alegorias. Esta abordagem de seus escritos “inspirados” foi escolhida por Judeus helenísticos, como Filo de Alexandria, e aplicados à Bíblia. Este tratamento do Antigo Testamento como uma alegoria era uma ferramenta útil para Gnósticos e outros que queriam fugir da obediência para comandos simples.

Cerca de 15 anos após o batismo de Simão Mago, o apóstolo Paulo achou necessário alertar a Igreja em Tessalônica que “o mistério da iniquidade já estava em ação” (2 Tessalonicenses 2: 7). Cerca de cinco anos mais tarde, Paulo advertiu aos coríntios que eles estavam em perigo de ser corrompidos por falsos apóstolos ensinando “outro Jesus” e “um diferente Evangelho”. Simão e seus seguidores eram, na realidade, ministros de Satanás disfarçando-se de ministros de Cristo (2 Coríntios 11: 3-4, 13-15).

Nos anos 60 dC, o apóstolo Judas, irmão de Tiago e de Jesus Cristo, exortou os cristãos da necessidade de “batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos”(Judas 3). Ele passou para avisar que havia certos homens que se infiltraram furtivamente na organização da igreja, tentando transformar a graça em anarquia, ensinando que a lei de Deus não era mais necessária (v. 4). Por a época de Judas, a verdadeira fé já tinha de uma vez por todas sido entregue. Estudiosos modernos que afirmam que permaneceu para os teólogos do segundo e terceiro século começarem a formular uma compreensão precisa da natureza de Deus fariam bem em reler Judas 3. É claro que Judas não permite “a revelação progressiva”!

Escrevendo no final do primeiro século, quase 30 anos depois do resto do Novo Testamento ter sido completado, o idoso Apóstolo João teve que lutar com heresias que eram muito mais difundidas do que as dos dias de Paulo e Judas. João repetidamente enfatizou a necessidade de manter os mandamentos (1 João 2: 3; 3: 4, 22; 5: 3). Em 2 João 7, ele advertiu: “já muitos enganadores entraram no mundo”. Em 3 João 9–10, um líder de nome de Diotrefes tinha ganho o controle de algumas congregações na Ásia Menor e foi realmente colocando fora da Igreja os verdadeiros cristãos que permaneciam fiéis ao idoso apóstolo João e a seus ensinamentos.

A Igreja em Transição

Um evento de implicações de longo alcance para o Novo Testamento na igreja ocorreu cerca de 25 anos antes da escritura de João. Este evento foi a destruição de Jerusalém pelas legiões romanas sob Tito em 70 dC. A Igreja de Deus de Jerusalém, sob a liderança de Tiago sucessor, Simeão (primo de Tiago e Cristo) fugiu de Jerusalém pouco antes de 70 dC e foi para Pella, uma comunidade remota no deserto. Após a morte de Simeão, a Igreja de Deus de Jerusalém experimentou grande instabilidade, com 13 líderes nos seguintes 28 anos.

Muitas heresias anteriormente promulgadas agora emergiram em plena floração. Além disso, muitos na Igreja estavam desanimados e confusos. Os eventos não tinham acontecido como geralmente se esperava. A Igreja foi cada vez mais se tornando uma mistura de novos convertidos gentios de segunda ou até mesmo membros de terceira geração.

Durante a última parte do primeiro século e o começo do segundo, o mundo romano tornou-se cada vez mais hostil aos judeus. Leis extremamente opressivas e impostos pesados foram direcionados contra eles pelo Império Romano como punição. Entre a primeira (66-73dC) e segunda (132-135dC) revoltas judaicas, houve muitos anti-judaicos violentos massacres em lugares como Alexandria e Antioquia. Reagindo a isto, os Judeus se revoltaram na Mesopotâmia, na Palestina e no Egito.

Freqüentemente, os cristãos sofreram como vítimas destes ataques porque eles eram considerados pelas autoridades como uma seita judaica. No entanto, eles foram considerados pelos revolucionários judeus como traidores do judaísmo e às aspirações políticas judaicas porque eles não lutavam contra os romanos. Durante estes tempos, centenas de milhares de sinagogas e membros da Igreja - aqueles que adoravam nos dias do sábado e estudavam as Escrituras - pereceram em mãos romanas ou por máfias.

Durante esta era perigosa, a igreja romana sob o seu bispo Sisto (ca. 116-126dC) começou a realizar cultos dominicais e deixou de observar a Páscoa anual, substituindo o domingo de Páscoa e "Eucaristia" em seu lugar. Este é o registro claro preservado por Eusébio de Cesaréia, um estudioso do terceiro e início do século IV, que ficou conhecido como o "pai da história da igreja". Eusébio citou sua informação de uma carta de Irineu, bispo de Lyon (ca. 130-202dC) ao bispo Victor de Roma. Dr. Samuele Bacchicchi, em seu livro *De sábado a domingo*, reconhece: "Há um amplo consenso de opinião entre os estudiosos que Roma é de fato o berço do Domingo de Páscoa. Alguns, de fato, rotulam-na corretamente como "Páscoa romana" (p. 201). Claro, o que

geralmente não é percebido pelos falantes de línguas não-latinas é que os romanos não usavam o nome “Páscoa” para sua nova celebração; eles continuaram a chamá-lo pela palavra latina de Páscoa, paschalis.

Esta quebra oficial da lei de Deus foi o resultado natural do "mistério da iniquidade", que confundiu graça com ilegalidade e ensinou que a obediência à lei era desnecessária. Quando uma prática é considerada necessária, é apenas uma questão de tempo até que a conveniência dite sua modificação ou sua abolição. Como o conflito entre o judaísmo e o império aumentaram, muitos "cristãos" em Roma, sob a liderança do Bispo Sixtus, tomou medidas para evitar qualquer possibilidade de serem considerados judeus e, assim, sofrer perseguição com eles.

Em 135dC, no final da Segunda Revolta Judaica, o Imperador Romano Adriano (Publius Aelius Hadrianus) tomou medidas drásticas contra os judeus. Ele renomeou Jerusalém sobre si mesmo e do "deus" Júpiter Capitolino - Aelia Capitolina - e impôs a pena de morte a qualquer um chamado “judeu” que ousara entrar na cidade.

Neste ponto, Marcus, um italiano, tornou-se bispo de Jerusalém, como Gibbon registra no capítulo 15 de seu famoso declínio e queda do Império Romano: "Em sua persuasão [Marcus]", a parte mais considerável da congregação renunciou à lei mosaica, na prática que eles tinham perseverado mais de um século. Por este sacrifício de seus hábitos e preconceitos eles compraram entrada gratuita na colônia de Adriano, e mais firmaram sua união com a Igreja Católica”(vol. 1, p. 390).

O que aconteceu com aqueles que continuaram a considerar a lei de Deus como obrigatória para os Cristãos? Gibbon escreve: “Os crimes de heresia e cisma foram imputados para o obscuro remanescente dos nazarenos, que se recusaram a acompanhar o seu Bispo latino ... Em poucos anos após o regresso da igreja de Jerusalém, tornou-se uma questão de dúvida e controvérsia se um homem que sinceramente reconheceu a Jesus como o Messias, mas que ainda continuou a observar o lei de Moisés, poderia

possivelmente esperar pela salvação ”(p. 390).

Era apenas uma questão de tempo até que os cristãos professos que tinham deixado de observar o sábado "excluísem os seus irmãos judaizantes na esperança de salvação ... [e] recusassem qualquer relação com eles nos escritórios comuns de amizade, hospitalidade e vida social ”.

Incrível! Isto aconteceu mesmo que, apenas alguns anos antes, todos eles observavam os festivais de Deus juntos. Ainda depois do bispo Marcus trazer "nova verdade", a maioria dos cristãos professos juntaram-se a ele condenando aqueles cristãos fiéis que se apegaram à fé histórica que todos haviam sido ensinados. Aqueles que permaneceram leais à verdade foram logo evitados como uma fonte de “divisão” por uma maioria que procurava substituir Cristianismo histórico com algo diferente.

Uma Teologia da "Nova Verdade"?

Muitos dos escritos supostamente "cristãos" que foram preservados a partir do segundo século, apresentaram uma teologia diferente da do apóstolo João, que escreveu apenas 10 ou 20 anos antes. Como Bacchiocchi afirma: "Inácio, Barnabé e Justino, cujos escritos constituem a nossa principal fonte de informação para a primeira metade do século II, testemunharam e participaram do processo de separação do judaísmo que levou a maioria dos cristãos a abandonar o sábado e adotar o domingo como o novo dia de adoração” (p. 213). Inácio de Antioquia, em cerca de 110dC, escreveu: "É monstruoso falar de Jesus Cristo e praticar o judaísmo ”(Magnesians, 10). Ele também falou de “não mais observar os sábados”. Contudo, João, escrevendo seu evangelho apenas 20 anos antes, enfatizou que Jesus manteve os mesmos Festivais que a comunidade judaica manteve (João 7: 2; 11:55).

Barnabé de Alexandria, não deve ser confundido com o apóstolo Barnabé, em sua epístola escrita sobre 130dC, alega que o Velho Testamento é uma alegoria e não pretende ser entendido

literalmente. Ele considera as proibições da lei contra comer carnes sujas como uma alegoria do tipo de pessoas que os cristãos devem evitar (Epístola de Barnabus, 10). Ele também procura alegorizar o sábado e afirma: “Nós guardamos o oitavo dia de regozijo no qual também Jesus se ressuscitou de morto” (Epístola de Barnabus, 15).

Dois proeminentes teólogos do segundo século, que jogaram um importante papel de transição na mudança da teologia bíblica para teologia católica romana, foram ambos batizados nas igrejas sob a fiel liderança de Policarpo. Policarpo (ca. 69–155dC) tinha sido um discípulo pessoal do apóstolo João e foi um dos poucos líderes da igreja do seu tempo que permaneceu na verdade. Estes dois homens Justino Mártir (ca. 95–167dC) e Irineu (ca. 130–202dC), enquanto mantendo algumas verdades que aprenderam sob Policarpo, também procuraram acomodar-se à nova direção da teologia romana em nome da "unidade da igreja". Irineu, embora se tenha desviado muito do ensino de Policarpo, manteve uma admiração ao longo da vida por Polycarpo como um grande homem de Deus.

Justino era um Grego de Samaria que se tornou filósofo platônico e então, sob a influência de Policarpo e seus discípulos, foi batizado como um cristão em Éfeso em cerca de 130dC. Ele veio para Roma em 151dC, fundou uma escola e foi posteriormente martirizado em 16 de abril. Depois de chegar a Roma, Justino procurou conduzir um curso médio sobre o assunto da lei. Henry Chadwick escreve:

"Justino acreditava que um judeu cristão era completamente livre para manter a Lei mosaica sem comprometer de maneira alguma sua fé cristã, e até mesmo que um cristão gentio poderia manter costumes judaicos se um Cristão judeu o influenciasse a fazê-lo; sómente devia ser mantido que tais observâncias eram questões de indiferença e de consciência. Mas Justino teve que admitir que outros cristãos gentios não tiveram uma visão tão liberal e acreditavam que aqueles que observaram a lei mosaica não seriam salvos” (The Early Church, pp. 22-23).

Irineu cresceu na Ásia Menor e, quando adolescente, ouviu Policarpo pregar. Ele veio para Roma quando jovem e mais tarde se tornou bispo de Lyon na França em 179dC. Irineu é considerado o primeiro grande teólogo católico e parece ter ido a grandes distâncias para promover a paz e um espírito conciliatório. Seu desejo de paz foi muito grande, no entanto, ele estava disposto a comprometer a verdade para manter a unidade da igreja. As igrejas na Ásia Menor sob o Liderança de Policarpo observavam o sábado e os dias santos. No entanto, quando Irineu veio a Roma, ele prontamente adaptou-se às práticas romanas de observação do Domingo de Páscoa. Em Lyon havia alguns que mantiveram a Páscoa em Abibe 14 e alguns que mantiveram a (Easter “Ressureição”). Irineu manteve a (Easter “Ressureição”), mas procurou ser tolerante com aqueles que ainda observaram a Páscoa.

Uma revolução teológica estava de fato ocorrendo na Igreja do segundo século. Observe: “Justino Martyr ocupa uma posição central na história do pensamento cristão do segundo século.... Justino também moldou o pensamento de Irineu, bispo de Lyon”(Chadwick, p. 79). Apesar de Justino se tornar um cristão professante em Éfeso, ele “não entendia que isto significaria o abandono de suas investigações filosóficas, nem mesmo a renúncia de tudo o que ele tinha aprendido com o platonismo”(p. 75). Ele acreditava que o Deus de Platão era também o Deus da Bíblia. “Justino não faz reivindicações rígidas e exclusivas da revelação divina aos hebreus de modo a invalidar o valor de outras fontes de sabedoria. Abraão e Sócrates são cristãos semelhantes antes de Cristo”(p. 76). Esta abordagem colocou a etapa para uma reformulação da teologia cristã para aceitar muito do pensamento filosófico grego sobre a natureza de Deus.

Apesar de tudo isto, Justino reconheceu a autoridade do livro da Revelação e acreditava que “Cristo regressaria a Jerusalém reconstruída para reinar com seus santos por mil anos”(p. 78).

Irineu, fortemente influenciado por Justino, também preservou pedaços e peças da verdade, apesar de se conformar às práticas romanas. Ele corretamente ensinava: “O propósito de nossa

existência é a criação de caráter pelo domínio das dificuldades e tentações” (p. 81). Ele também aderiu à esperança literal de um milênio terrestre, durante quando Cristo reinaria na terra, e ensinava contra a interpretação da esperança milenar como símbolo do céu, embora ele diminuísse sua insistência neste ponto em seus trabalhos posteriores.

Verdade Abandonada em Favor da Unidade e da Tradição

Houve dois erros fundamentais que separaram os Cristãos professantes daqueles que verdadeiramente representaram a continuação da igreja que Jesus construiu. Estes erros envolveram se a lei de Deus era ou não ainda obrigatória para os cristãos, e quem e o quê é Deus. Erros nestes dois pontos levaram a uma divergência cada vez maior entre a igreja cristã professante e a verdadeira Igreja de Deus.

A importância da lei foi a principal área de controvérsia desde cerca de 50dC até 200dC. Não foi resolvido finalmente até que os Conselhos de Nicéia (325dC) e Laodicéia (363dC) quando o estado romano se envolveu. A substância do conflito é preservada no confronto entre Polycrates da Ásia Menor e Victor, bispo de Roma, cerca de 190dC. Polycrates foi o sucessor de Policarpo que foi ele mesmo um discípulo do apóstolo João. Irineu registra que Policarpo viajou para Roma em meados do século II para tentar persuadir Aniceto, bispo de Roma, do tempo verdadeiro da Páscoa. Aniceto alegou ter sido vinculado pela tradição de seus antecessores desde Bispo Sixtus, enquanto Policarpo declarou: “Ele sempre havia observado a [Páscoa] com João, o discípulo de nosso Senhor, e o resto dos apóstolos, com quem ele se associou” (Eusébio, xxiv).

Cerca de 50 anos após a jornada de Policarpo, Victor de Roma procurou intimidar as igrejas da Ásia Menor em conformidade com a Prática Romana da Páscoa. Polycrates escreveu Victor:

“Portanto, observamos o dia genuíno [Páscoa]; nem

adicionando a ele nem tirando dele. Pois na Ásia grandes luzes adormeceram, que ressuscitarão na aparição no dia do Senhor, em que ele virá com glória do céu, e vai ressuscitar todos os santos; Filipe, um dos doze apóstolos, que dorme em Hierápolis ... João, que descansou no seio do nosso Senhor ... Policarpo de Esmirna ... Todos estes observaram o décimo quarto dia da Páscoa de acordo com o evangelho desviando-se em nenhum respeito, mas seguindo a regra de fé ... e os meus parentes sempre observaram o dia em que as pessoas jogaram fora o fermento [Abib 14]. Eu, portanto, irmãos, tenho agora 65 anos no Senhor, que tendo conferido com os irmãos em todo o mundo, e tendo estudado em totalidade as Sagradas Escrituras, não estou de todo alarmado com essas coisas que eu estou sendo ameaçado, para me intimidar. Para aqueles que são maiores do que eu disse: "Devemos obedecer a Deus e não aos homens" (Eusébio, xxiv).

Como várias controvérsias ocorreram durante o segundo século, uma nova abordagem para o governo da igreja foi ter consequências de proporções monumentais. Esta abordagem foi uma ênfase no que era denominado "Sucessão Apostólica".

No primeiro século, Paulo havia elogiado os bereanos por sua abordagem em "verificar-se nele", pesquisando as Escrituras diariamente para ver se ele estava ensinando a verdade (Atos 17:11). Ele exortou os tessalonicenses a “Examinai tudo. Retende o bem” (1 Tessalonicenses 5:21). Constantemente, ao longo do primeiro século, vemos um apelo sendo feito para as Escrituras.

Mas, começando com os escritos de Clemente, bispo de Roma, nós encontramos uma nova ênfase. Clemente escreveu uma carta para a igreja em Corinto cerca de 100dC, provavelmente muito pouco depois da morte de João. Os editores de Obras-primas da literatura cristã resumem as principais ideias de Clemente como: “O caminho para a paz e a concórdia através da obediência às autoridades, os anciãos. Cristo governa as igrejas através dos apóstolos, os bispos por eles nomeados e os sucessores aprovados dos bispos.”

Cerca de dez anos depois, Inácio enfatizou o mesmo ponto:

“Unidade e paz na igreja e a validade da igreja são adquiridas através de aderência fiel ao bispo”(Obras-primas).

Em meados do seguinte século, as reivindicações cresceram com tanta força que Cipriano da África do Norte declarou: “O foco da unidade é o bispo. Abandoná-lo é abandonar a Igreja, e ele não pode ter Deus por seu Pai se não tem a Igreja por sua mãe”(Chadwick, p. 119).

Estas alegações estavam sendo feitas para manter os irmãos em uma organização que estava se desenvolvendo rapidamente em que hoje conhecemos como a Igreja Católica romana. Quão diferentes são estes apelos aos de Paulo e aos dos outros líderes do Novo Testamento que apontaram para as Escrituras e aos frutos de seus ministérios para a autenticação (cf. 1 Coríntios 11: 1; Atos 17: 2). Não podendo mais confiar em um claro apelo às Escrituras, líderes da igreja do segundo e terceiro século basearam cada reivindicação à lealdade dos irmãos em sua afirmação de ser devidamente sucessores ordenados dos apóstolos e dos bispos que sucederam a eles. Enquanto eles abandonaram cada vez mais o que os apóstolos ensinavam, estes enganadores procuraram reunir os irmãos por meio de apelos à unidade e por a memória dos apóstolos.

Capítulo 2:

Uma Transição Dramática

Como tantos se mudaram tão rapidamente? Esta é a questão que simplesmente vem ao nosso pensamento quando examinamos a história da Igreja primitiva.

Na época da morte do apóstolo João, perto do alvorecer do segundo século dC, o movimento cristão, embora, obviamente, atormentado por muitos problemas e falsos mestres, tiveram pelo menos uma semelhança reconhecível para a Igreja de Deus do livro de Atos. Mas, no começo do terceiro século dC, a maioria dessas mesmas congregações, embora ainda chamando-se “Igreja de Deus”, tinham muito mais semelhança em doutrina com o Igreja Católica medieval do que a Igreja de Deus durante os dias dos apóstolos Pedro, Tiago, Paulo e João.

Durante o segundo século, ocorreram várias mudanças graduais tanto na doutrina e prática da grande maioria das congregações das igrejas. O palco estava montado para essas mudanças por algumas das próprias ideias que começaram a ser promulgadas apenas alguns anos após a ressurreição de Cristo e

ascensão ao céu. Idéias sempre produzem conseqüências!

Outro Evangelho

Cristo passou seu ministério pregando as “boas novas” duma vinda de um governo divino que substituiria os governos humanos opressivos que os ouvintes de Jesus conheciam muito bem. Os discípulos pediram a Ele sinais para mostrar quando esse tempo estaria próximo (Mateus 24: 3). A última pergunta que eles fizeram, como Ele estava se preparando para subir ao céu, preocupados se havia ainda tempo para o Reino ser estabelecido (Atos 1: 6). Na última etapa do ministério de Paulo de que temos qualquer registro, descobrimos que Paulo ainda estava "pregando o Reino de Deus e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum”(Atos 28:31)! Mesmo no último livro inspirado do cânon do Novo Testamento, Jesus Cristo inspirou o Apóstolo João com visões sobre o estabelecimento literal do Reino de Deus nesta terra (Apocalipse 19: 11–21; 20: 4–6; 21).

Apesar deste registro claro do ensinamento simples de Jesus Cristo, lemos em 2 Coríntios 11: 3–15 que falsos ministros haviam penetrado na Igreja, e dentro de 25 anos após a sua fundação estavam pregando o que Paulo chamou de "outro evangelho ”. No segundo século, o verdadeiro evangelho que Jesus ensinou foi sendo chamado de "opinião duvidosa" pelos líderes da "ortodoxia" nascente Igreja cristã. No terceiro século, o próprio exemplo e ensinamento de Cristo estava sendo considerado heresia grosseira. Durante o segundo e terceiro séculos, o "evangelho" que estava sendo pregado se focava quase exclusivamente na pessoa de Jesus. Além disso, ao mesmo tempo, conceitos pagãos sobre a imortalidade da alma, bem como céu e inferno, ganhou aceitação.

O entendimento correto sobre o Reino de Deus foi mantido bem no segundo século, mesmo por homens como Justino Martyr e Irineu claro, eles estavam seriamente fora do caminho em outras

áreas, como seu ensino sobre a lei de Deus. Edward Gibbon escreve sobre este período:

“A garantia de tal milênio foi cuidadosamente inculcada por... [aqueles] que conversaram com os discípulos imediatos dos apóstolos ... Mas quando o edifício da igreja estava quase concluído, o apoio temporário foi posto de lado. A doutrina do reino de Cristo sobre a terra foi inicialmente tratado como uma alegoria profunda, foi considerado gradualmente como uma opinião duvidosa e inútil, e foi finalmente rejeitada como a absurda invenção da heresia e fanatismo” (Declínio e Queda do Império Romano, vol. 1, cap. 15).

Grande parte desta progressão foi o resultado da influência de Orígenes. Orígenes foi, como veremos em breve, uma das menos boas mentes individuais a serem aceites como teólogos cristãos. Ele jogou um papel importante na formulação do ensino católico sobre a Trindade, a imortalidade da alma e do Reino de Deus.

Como a compreensão fundamental da verdadeira natureza do Evangelho e o Reino de Deus foram abandonadas, houve muitas desastrosas consequências. Uma foi a participação de membros da igreja na política e nas forças armadas. Os historiadores são virtualmente unânimes em reconhecerem que cristãos primitivos evitaram tal envolvimento, “Mas, enquanto inculcavam máximas de obediência passiva, eles se recusaram a tomar parte ativa na administração da sociedade civil, ou na defesa militar do império”(Gibbon, O triunfo da cristandade no Império Romano, p. 41). No final do terceiro século, no entanto, haviam legiões "cristãs" no exército romano. Cristãos professantes foram informados de que o envolvimento político era aceitável.

A Alma Imortal

A doutrina da imortalidade da alma, virtualmente universal em paganismo, não é ensinada no Antigo nem no Novo Testamento. Notem a admissão do Dicionário Intérprete da Bíblia a este

respeito:

“Na KJV do AT [a pista é parcialmente obliterada em modernas traduções] "alma" representa quase exclusivamente o hebreu nephesh. O palavra "alma" em inglês... frequentemente carrega consigo vindo do grego filosófico (platonismo) e do orfismo e Gnosticismo, que estão ausentes em nephesh. No AT nunca significa alma imortal, mas é essencialmente o princípio da vida, ou o ser vivo. Psuche no NT corresponde a nephesh no AT” (vol. 4, p. 428).

Como o conceito de uma alma imortal entrou no cristianismo? Já em 200aC, algumas seitas judaicas estavam começando a absorver esta idéia, devido à influência grega, e estavam tentando fundi-la com o bíblico ensinamento da ressurreição. Isto é ilustrado por tais interpretações intertestamentais escritos apócrifos como o Livro dos Jubileus e Quarto Macabeus, como também por ambos Philo e Josefo.

Os gnósticos, com ênfase no dualismo pagão, sublinham a imortalidade da alma em contraste com a ressurreição do corpo. A Enciclopédia Bíblica Padrão Internacional afirma: “Há uma distinção entre uma crença platônica na imortalidade da alma sozinha e o ensino bíblico sobre a ressurreição dos mortos” (vol. 2, p. 810).

Escritores do final do segundo e começo do terceiro século, como Tertuliano e Orígenes desempenharam um papel importante na formação da doutrina católica futura em relação ao céu, inferno e à imortalidade da alma. O ISB Enciclopédia continua a revelar: “Os primeiros cristãos eram frequentemente influenciados pelo grego, assim como o pensamento judaico. Por exemplo, muitos foram influenciados pelos ensinamentos de Pitágoras sobre a divisão da alma em várias partes e sua transmigração: platônica e neoplatônica [especialmente Plotino] os entendimentos estavam por trás da visão de Orígenes sobre a alma.... Tertuliano seguiu o pensamento estóico” (vol. 4, p. 588). A Enciclopédia da Religião ressalta que muitos teólogos católicos influentes posteriores “todos interpretaram os conceitos bíblicos da alma ao longo de linhas

platônicas e na tradição geral de Orígenes e sua escola ”.

A Trindade

Não havia simplesmente uma heresia a respeito da natureza de Deus, mas muitas diferentes contraditórias. Parece que houve quase tantas idéias diferentes como havia escolas filosóficas e professores. O Pensamento católico Convencional, do qual o ensino protestante ortodoxo sobre o assunto sprang, representa apenas a marca particular de heresia que venceu sobre seus concorrentes. Já que é este ensinamento que sobreviveu até o nosso tempo, com alguma modificação, este é o que vamos examinar mais de perto.

O que esta por detrás da ortodoxia do terceiro século sobre o tema da Trindade deve ser encontrado não no texto bíblico, mas nos escritos filosóficos Gregos. O Novo Dicionário Teológico Católico Romano faz um número de admissões francas a este respeito. Concernente às Escrituras ensinando sobre a natureza do Espírito Santo, no seu artigo “Trindade”, reconhece: “Como tal, o Espírito nunca é o objeto explícito da adoração do NT, nem é o Espírito sempre representado no discurso do NT como interagindo de maneira interpessoal com o Pai e o Filho”.

Mais tarde no mesmo artigo, estudiosos modernos católicos, discutindo o pano de fundo do ensino ortodoxo sobre a Trindade, confessam influências pagãs sobre sua teologia:

“Cristãos... conhecedores da filosofia então dominante do meio-platonismo aproveitaram a oportunidade para proclamar e elucidar a mensagem cristã em forma de pensamento que foi significativa para as classes educadas na sociedade helenística generalizada. Este movimento que a teologia católica geralmente avaliou positivamente, terá um enorme impacto no desenvolvimento da teologia cristã. Confiantes de que o Deus que eles [pagãos filósofos gregos] pregavam foi o Pai de Jesus Cristo e a salvação que eles proclamaram foi a de Jesus, os apologistas

adaptaram grande parte da cosmovisão helênica ... [Tertuliano fez] o primeiro uso conhecido do termo "trindade".

Orígenes se apropriou da filosofia do meio-platonismo mais sistematicamente do que os apologistas e Tertulianos tinham. Na verdade, seu conceito de eterna geração "foi uma adaptação da doutrina do meio-platônico que todo o mundo dos seres espirituais era eterno. O filho é eternamente derivado (ou gerado) do próprio ser de Deus e, portanto, é da essência do Pai, mas segundo para o Pai ... Orígenes, como Tertuliano cunhou um termo genérico para os "três" da tríade divina. O pai, o Filho e o Espírito Santo são "três hipóstases". A maior contribuição da Orígenes para a formulação da doutrina trinitária é a noção duma eterna geração. Seu termo genérico para os "três" (hipóstases) será adotado e refinado no quarto século”(p. 1054).

Ao olharmos para o desenvolvimento da teologia "cristã" no final do segundo e início do terceiro séculos, os nomes de Tertuliano e Orígenes continuam aparecendo. Tertuliano (ca. 150–225dC), chamado o pai da teologia latina, foi “um dos mais poderosos escritores da época e quase tão influente quanto Agostinho no desenvolvimento da teologia no Ocidente” (Eerdman, Manual para a História do Cristianismo, p. 77).

Tertuliano viveu em Cartago e foi um dos primeiros a ensinar que o inferno de fogo começa na morte. Em seus últimos anos, ele rompeu com Roma e tornou-se um montanista. Isto significava que ele aceitou as alegações de duas mulheres possuídas por o demônio que se chamavam de profetisas. Eles entravam em frenéticos em êxtase e "falavam em línguas", alegando ser o "Paraclete" (um termo para o Espírito Santo no Evangelho de João), e ensinaram uma mensagem denominada "Nova Profecia".

Orígenes (ca. 185–254dC) “foi o maior erudito e mais prolífico autor da igreja primitiva”(Eerdman, p. 104). Sobre 203dC, Orígenes sucedeu Clemente de Alexandria como líder de uma escola famosa que pretendeu preparar cristãos para o batismo e ofereceu cursos em filosofia e ciências naturais para a população em geral. Por toda a sua reputação como um grande estudioso e

professor de teologia, quanto Orígenes realmente entendeu? De acordo com a igreja do quarto século historiador Eusébio, não muito tempo depois dele assumir a escola em Alexandria, Orígenes castrou-se! Este ato foi baseado em sua compreensão (ou melhor, mal-entendido!) das palavras de Cristo em Mateus 5: 29-30.

Esta mesma falta absoluta de compreensão sadia do real significado e intenção da Escritura é exibida com grande intensidade em sua escrita teológica. “Orígenes introduziu a possibilidade de um inferno reparador [purgatório] ”(Enciclopédia Bíblica Internacional, “ Inferno ”). Ele também jogou uma parte importante no que mais tarde se desenvolveu na adoração católica de Maria, primeiro propondo a idéia de que Maria permaneceu virgem após o nascimento de Jesus.

Arte Religiosa na Adoração

Uma das mudanças mais drásticas para afetar a igreja depois do primeiro século foi a introdução da arte religiosa na adoração. Esta inovação tão óbvia cheirava a idolatria proibida pelo segundo mandamento que demorou a ser aceite. Note:

“Tanto Tertuliano quanto Clemente de Alexandria consideraram esta proibição como absoluta e obrigatória para os cristãos. Imagens e estátuas culturais pertenciam ao mundo demoníaco do paganismo. De fato, os únicos cristãos do segundo século conhecidos por ter tido imagens de Cristo eram gnósticos radicais ... Ainda antes do fim do segundo século cristãos estavam expressando livremente sua fé em termos artísticos ”(Henry Chadwick, *The Pelican History of the Church*, p. 277).

O primeiro exemplo de uma igreja que tinha fotos na parede era um prédio do século III em Dura, no Eufrates. Até então, eram principalmente cenas do Antigo Testamento. Tão tarde quanto o imperador Constantino, muitos líderes da professa igreja cristã ainda estavam chocados com a idéia de ter fotos ou imagens de Cristo. Nós lemos:

“Aproximadamente 327 [dC] o historiador erudito Eusébio de Cesaréia recebeu uma carta da irmã do imperador Constantia pedindo-lhe uma imagem de Cristo ... Eusébio escreveu-lhe uma resposta muito severa. Ele estava bem ciente de que alguém poderia encontrar imagens de Cristo e dos apóstolos. Elas estavam à venda nos bazares da Palestina e ele próprio as viu. Mas Eusébio não achava que os pintores e lojistas vendessem estas lembranças aos peregrinos que fossem cristãos em absoluto... [ele] dava por certo que apenas artistas pagãos sonhariam em fazer tais representações” (ibid., pp. 280–281).

Epifânio de Salamina, um líder da igreja do século IV, ficou horrorizado ao encontrar em uma varanda da igreja na Palestina uma cortina com uma imagem supostamente de Cristo. Ele não só apresentou um protesto veemente com o bispo de Jerusalém, mas pessoalmente derrubou a cortina e a destruiu. No momento da sua morte em 403dC, no entanto, retratos de Cristo e dos santos estavam se tornando cada vez mais difundidos. Iste foi acompanhado pela veneração de Maria, que, por 400dC, foi ocupando um lugar cada vez maior em devoções privadas.

A Igreja Imperial

Depois de quase três séculos de alternada perseguição do governo romano, o Édito da Tolerância foi emitido em Milão em 313dC. Logo depois, o cristianismo passou de simplesmente ser oficialmente tolerado pelo Império Romano para realmente se tornar o estado oficial da religião do império. Isto representou uma história de sucesso para a Igreja que Jesus Cristo construiu? Em verdade, o cristianismo bíblico triunfou na Império Romano?

Longe disso! O que temos visto é uma religião influenciada pelos gentios que apropriaram-se da terminologia cristã, mantendo as tradições pagãs - tudo reforçado pelo imperador romano Constantino. Foi muito diferente da perseguida Igreja Judaica-Cristã estabelecida por o mesmo Jesus Cristo no primeiro século.

Constantino reconheceu o importante papel que a religião poderia jogar em unir o seu império e dando à sua população uma comum identidade. Motivado principalmente por estas preocupações políticas, Constantino forjou uma aliança com o bispo de Roma e começou o processo da criação duma “marca padrão” do “cristianismo” em todo o seu império. Ele foi instrumental em chamar o Conselho de Nicéia em 325dC e realmente presidiu sobre o mesmo. Tenha em mente que Constantino nem ainda tinha sido batizado! De fato ele adiou o batismo até que ele estava em seu leito de morte, altura em que ele estava doente demais para ser imerso. Seu exemplo pessoal de ser polvilhado contribuiu muito a um abandono da imersão em favor da aspensão.

O Conselho de Niceia procurou principalmente resolver dois problemas espinhosos que não haviam sido totalmente resolvidos anteriormente. Estes envolveram controvérsias sobre a natureza de Deus, bem como a questão da easter / Páscoa. Apoiado pelo músculo imperial, os pontos de vista da igreja romana prevaleceram no conselho. Toda a oposição foi reprimida.

Constantino também foi responsável por fazer “o dia venerável do Sol”, um feriado estadual em que os tribunais deveriam ser fechados e as empresas fecharem as portas.

Este imperador romano já havia sido um devoto do Sol Invictus (“O Sol Invicto”) e com sua “conversão”, muitos motivos de culto ao sol, como o uso da cruz e da aréola de arte, entrou no “Cristianismo.” Também neste momento, começou a haver conversões em massa da população. Para facilitar isto, feriados populares como Saturnalia e Lupercalia foram reciclados em novas observâncias “cristãs”, agora chamadas Natal e São Valentim. Os líderes da igreja em Roma alegaram que eles estavam apenas ampliando o caminho, tornando o cristianismo mais acessível às massas e certamente muito menos “judaico”. Anti-semitismo foi uma força motivadora no cristianismo romano.

Onde Estava a Igreja que Jesus Cristo Construiu?

O que aconteceu com a Igreja que foi estabelecida através de um derramamento do Espírito Santo de Deus no dia de Pentecostes em 31dC? Onde estava Cristo e o que estava fazendo durante este tempo?

No segundo e terceiro capítulos do livro do Apocalipse, nós encontramos mensagens que Jesus Cristo registrou para as sete igrejas da Ásia Menor. No primeiro capítulo, o apóstolo João teve uma visão de Cristo glorificado em pé no meio de sete candelabros de ouro. Estes sete candelabros representam a Igreja de Deus em sua totalidade de todos os tempos (Apocalipse 1: 12-20). As sete cidades da Ásia Menor mencionadas em revelação foram fisicamente situadas como paradas sucessivas em uma correspondência de correio romano. Qual é o significado destas sete mensagens?

Claramente, estas mensagens têm uma aplicação histórica para sete congregações literais no primeiro século. Além disso, no entanto – é importante para nós hoje - estas congregações exemplificam atitudes e problemas que podem caracterizar a comunidade cristã, bem como cristãos individuais, nos anos desde que João escreveu (cf. Apocalipse 2: 7).

Quando olhamos para o contexto do livro de Apocalipse, devemos reconhecer que é principalmente entendido como uma profecia. Apocalipse 1: 1 mostra que o propósito do livro é mostrar aos servos de Deus coisas que logo começariam a acontecer. Assim as sete igrejas deveriam primariamente ser entendidas como representando toda a história da Igreja de Deus em sete eras de igrejas sucessivas.

A primeira igreja a ser abordada em Apocalipse 2 é a Igreja em Éfeso. Esta igreja caracterizou a era apostólica. No verso 2, nós lemos que o grande teste dessa primeira era estava em determinar quem eram os verdadeiros apóstolos de Cristo e os mentirosos (cf. 2 Coríntios 11: 3-15). Esta foi uma era que trabalhou muito e duramente para fazer a Obra de Deus e suportou muita dificuldade

e perseguição no processo. Os verdadeiros Cristãos da era efésiana foram aqueles que rejeitaram e odiaram as práticas dos Nicolaitas (seguidores de Simão Mago).

No entanto, após a destruição do Templo em Jerusalém em 70dC, desencorajamento e letargia espiritual se instalaram. Os irmãos esperavam que Cristo regressa-se logo após os exércitos romanos cercarem Jerusalém. Mas agora a maior parte da Judéia e da Galiléia estava em ruínas, ocupada pelas legiões romanas. Os cristãos judeus eram considerados traidores por seus companheiros compatriotas, e prováveis perturbadores pelas autoridades romanas. A vida era dura e perigosa.

Esta era havia deixado o seu primeiro amor, aquele zelo inicial por fazer o trabalho. Os membros começaram a perder o foco em relação a essas doutrinas, práticas e prioridades que lhes deram sua verdadeira identidade e propósito.

A mensagem viva de Cristo aos cristãos da era efésiana foi que se os efésios não se arrependessem e voltassem às suas primeiras obras de anúncio zeloso do Evangelho, Ele removeria seu candelabro. A apostasia da esmagadora maioria da igreja de Jerusalém em 135dC (quando a Segunda Revolta Judaica contra Roma foi totalmente esmagada) é geralmente usada para marcar o fim da era efésiana.

Aqueles que permaneceram fiéis durante estes últimos dias foram marcados como “nazarenos” (cf. Atos 24: 5) e “ebionitas” (pobres) pelos maiores da Igreja. Como também é o caso hoje, uma grande variedade de grupos “independentes”, misturando a verdade com a mentira em uma ampla variedade de idéias, existiam junto com a verdadeira Igreja de Deus. Estes grupos eram às vezes aglomerados como companheiros "hereges" com os "nazarenos" ou "ebionitas" por a igreja romana.

A Igreja em Esmirna é a segunda das sete igrejas a ser mencionada. O apóstolo João morreu em Éfeso no final do primeiro século. O próximo líder fiel na Ásia Menor, como observado no capítulo anterior, foi Policarpo, bispo de Esmirna. Quando jovem, Polycarpo tinha sido um discípulo pessoal de João

As Sete Igrejas da Apocalipse

No segundo e terceiro capítulos de Apocalipse, o apóstolo João registrou mensagens de Jesus Cristo para igrejas em sete cidades do oeste da Ásia Menor (agora o país da Turquia). Estas cidades, importantes no comércio e comunicação, foram ligadas por grandes estradas como paradas sucessivas num Roteiro de correio romano quando João escreveu sua visão. Note que Cristo se dirigiu às igrejas em sua exata ordem geográfica. Quando reconhecemos que todo o livro da Apocalipse é pretendido como uma profecia (Apocalipse 1: 1) e que certas circunstâncias diferentes presentes nas sete igrejas não poderiam ter sido contemporâneas (cf. 2:10; 3: 7-8), é evidente que estas igrejas representam a história de toda a Igreja de Deus como sete eras da Igreja que ocorrem em ordem cronológica.

4) Mensagem para Tiatira:
"Eu conheço as tuas obras...
as tuas últimas obras são mais
do que as primeiras"(2:19).

3) Mensagem para Pergamos:
"Eu sei as tuas obras... umas
poucas coisas tenho contra
ti"(2: 13-14).

5) Mensagem para Sardes:
"Tens nome de que vives
e estás morto"(3: 1).

2) Mensagem para Esmirna:
"Tereis uma tribulação
de dez dias. Sê fiel até
à morte, e dar-te-ei a
coroa da vida"(2:10).

6) Mensagem para Filadélfia:
"diante de ti pus uma
porta aberta, e ninguém
a pode fechar;... não
negaste o meu nome"(3:
8).

1) Mensagem para Efeso:
"Puseste à prova os que
dizem ser apóstolos e o
não são... Tenho,
porém, contra ti que
deixaste o teu primeiro
amor "



7) Mensagem para Laodicéia:
"Porque és morno e não és
frio nem quente, vomitar-te-ei
da minha boca"(3:16).

e tinha observado a Páscoa com ele em várias ocasiões. Policarpo se tornou proeminente durante o primeiro par de décadas do segundo século. As igrejas sob sua liderança permaneceram uma das poucas áreas onde os Festivais de Deus continuaram a ser observados durante o restante do segundo século. Na sua velhice, Policarpo até fez uma viagem a Roma buscando convencer o bispo de Roma, Aniceto, de seus erros em não celebrar a Data da Páscoa bíblica e em observar, em seu lugar, um Domingo Pascal de observância anual (Easter), e uma celebração semanal da "Eucaristia".

Nas últimas décadas do século II, Poliacatos, um fiel líder da igreja que havia sido treinado pessoalmente por Policarpo, surgiu. Ele permaneceu o único líder cristão de destaque que foi fiel ao exemplo dos Apóstolos da Igreja de Deus de Jerusalém. Poliacatos ensinou o verdadeiro Evangelho do estabelecimento literal do Reino de Deus na terra, o estado inconsciente dos mortos aguardando a ressurreição, a importância de guardar a lei de Deus e a observância dos festivais bíblicos.

No final do segundo século, Victor, bispo de Roma, tinha começado a marcar Poliacatos e aqueles que seguiram seus ensinamentos como hereges - fontes de discórdia e cisma na igreja. Poliacatos permaneceu fiel apesar da crescente pressão e suposto isolamento "companheiros cristãos", bem como perseguição e hostilidade duma sociedade pagã circundante. Após a sua morte, no entanto, não conhecemos nenhum outro líder forte e proeminente entre as igrejas fiéis da Ásia Menor.

Na percepção do público, os verdadeiros cristãos perderam terreno para com a igreja romana mais popular e acomodante. Seus números baixaram e eles se tornaram cada vez mais isolados. Desprezados e marcados "Ebionitas" pela igreja convencional, indivíduos e grupos de famílias que permaneceram fiéis tiveram que se mudar para áreas mais remotas da Ásia Menor.

Mesmo no final do primeiro século, houve verdadeiros Cristãos sendo expulsos de congregações chefiadas por líderes apóstatas (3 João 9-10). No segundo século, outros, como o

remanescente fiel que se recusou a aceitar a "nova verdade" do bispo Marcus de Jerusalém, estavam sendo forçados a retirar-se das congregações de que eles tinham sido membros. Isto ocorreu quando líderes infiéis lideraram a igreja visível mais e mais perdida.

O grande teste da era de Esmirna residia em duas áreas. Um deles era a capacidade de distinguir entre a continuação da verdadeira Igreja de Deus e o que era na realidade, a emergente Sinagoga de Satanás. O outro em sua disposição de suportar a perseguição e até a morte para permanecer fiel a Deus (Apocalipse 2: 9-10).

Fisicamente, os cristãos desta época estavam empobrecidos e perseguidos. Eles foram rejeitados como hereges pelo crescimento rápido do movimento "ortodoxo", marcados como apóstatas da sinagoga pelos Judeus, e olhados com desprezo e desconfiança pela sociedade romana pagã nos arredores. Na opinião de Deus, no entanto, aqueles que permaneceram fiéis durante este tempo horrível foram contabilizados como tendo riqueza espiritual de grande valor, e acabarão por receber uma coroa de vida (Apocalipse 2: 9-10).

Depois de Constantino começar a aplicação sistemática de conformidade com a teologia romana em 325 dC, os remanescentes da verdadeira Igreja foram em grande parte forçados a fugir dos limites do Império Romano para as montanhas da Armênia, e mais tarde nas áreas balcânicas da Europa. Eles eram poucos em número, totalmente desprovidos de prestígio ou riqueza e marcados como inimigos do estado por um Império Romano supostamente "cristão".

Na visão de Deus, no entanto, eles eram preciosos. Não foi o propósito de Deus que Sua verdadeira Igreja se tornasse uma grande e poderosa organização que "cristianizaria" o mundo. Sua verdadeira Igreja deveria permanecer "Um Pequeno rebanho" (Lucas 12:32). Sua continuidade seria medida, não por uma sucessão de bispos orgulhosos, poderosos e presidentes de uma determinada cidade (cf. Hebreus 13:14), mas por uma sucessão

de pessoas fiéis, convertidas que, embora dispersos e perseguidos, continuariam a adorar o Pai em espírito e na verdade (João 4: 23-24).

Haveria momentos em que Deus levantaria líderes fiéis para revitalizar o seu povo e fazer algum tipo de trabalho que tivesse visibilidade pública, pelo menos em áreas localizadas. Houve outras ocasiões em que a Igreja de Deus continuou a existir em tal obscuridade dispersa que era visível somente para Deus. Ainda assim, nunca morreu.

Capítulo 3:

A Igreja no Deserto

No rescaldo do Concílio de Nicéia, o Imperador Constantino e seus sucessores procuraram eliminar todas as marcas não conformes de Cristandade. Grupos que se recusaram a obedecer aos ensinamentos e práticas da igreja “estabelecida”, que agora se chamava de Igreja Católica (universal) de Deus, eram vistos não apenas como hereges, mas como inimigos subversivos do estado romano.

A verdadeira Igreja, simbolizada por uma mulher em Apocalipse 12, foi forçada a fugir para o deserto por 1.260 "dias". Na profecia bíblica, um “Dia” freqüentemente representa um ano (Números 14:34; Ezequiel 4: 6). Assim, a verdadeira Igreja teria que permanecer escondida por 1.260 anos após o Conselho de Nicéia. Historicamente, foi isso que aconteceu. Embora estas fossem verdadeiramente eras negras, havia uma luz que continuava a queimar. Sua chama às vezes cintilou, mas nunca foi extinta.

Vários problemas confrontam qualquer estudioso da igreja ou historiador que deseja traçar as peregrinações da verdadeira Igreja durante este período de 1,260 anos. Isto porque a verdadeira

história da Igreja não é sobre uma organização humana contínua. A história preservada da Igreja de Deus que guarda o sábado foi escrita quase inteiramente por seus inimigos que a viam como herética. Nós lemos sobre grupos marcados por pessoas hostis de fora com nomes como Paulicianos, Bogomilos e Valdenses – de segmentos menores ou maiores, em diferentes momentos, parecem ter sido verdadeiros cristãos nos moldes da Igreja de Jerusalém do primeiro século. Outra dificuldade é que os ensinamentos de cada um destes grupos mudaram durante um período de tempo, geralmente se tornando mais parecidos com os vizinhos católicos e protestantes.

Também descobrimos que os escritores frequentemente juntam vários grupos de "hereges", incluindo a verdadeira Igreja, sob o mesmo nome, não verdadeiramente distinguindo as diferenças em seus ensinamentos. Assim, o grande desafio na história da Igreja não é simplesmente identificar quem ensinou o quê, mas reconhecer quando uma igreja deixou de fazer parte da verdadeira Igreja, e quando Deus afastou aquela verdadeira Igreja para outro lugar.

A Igreja Foge para o Deserto

Durante os primeiros três séculos de sua existência, a Igreja de Deus enfrentou períodos intermitentes de perseguição severa. No entanto, algumas vezes, eles não foram escolhidos, mas foram geralmente agrupados com os Judeus e uma vasta gama de seitas que professavam Cristo. Essas perseguições foram de duração limitada e locais em alcance. O Imperador Romano Diocleciano, de 303 dC a 313dC, desencadeou o pior destes pré-concílios de perseguições da Nicéia. Estes são os “dez dias” mencionados em Apocalipse 2:10.

Quando Constantino consolidou seu poder no Império, as coisas mudaram significativamente. Gibbon nos conta que a devoção religiosa de Constantino era "peculiarmente dirigida por

o gênio do Sol ... e ele estava satisfeito por ser representado com os símbolos do Deus da Luz e poesia. As flechas infalíveis daquela divindade, o brilho de seus olhos ... parecem apontá-lo como o padroeiro de um jovem herói. Os altares de Apolo foram coroados com as oferendas votivas de Constantino; e a multidão crédula foi ensinada a acreditar que o imperador era permitido contemplar com olhos mortais a majestade visível de sua tutelar divindade ... O Sol foi universalmente celebrado como o guia invencível e protetor de Constantino ”(O triunfo da cristandade, p. 309).

Quatro anos antes do Concílio de Nicéia, Constantino proclamou uma lei para o Império Romano que teria implicações de longo alcance para o povo de Deus. “O primeiro reconhecimento da observância do domingo como um dever legal é uma constituição de Constantino em 321dC, decretando que todos os tribunais de justiça, habitantes de cidades e oficinas deveriam estar em descanso no domingo (*venerabili die solis*, ou seja, venerável dia do sol).

Este foi o primeiro de uma longa série de constituições imperiais, a maioria incorporadas no Código de Justiniano ”. Cerca de quarenta anos mais tarde, a Igreja Católica seguiu este edito imperial em “cânone [29] do Concílio de Laodicéia [363dC], que proíbe os cristãos de Judaizar e descansar no dia de sábado, e realmente os ordena a trabalhar naquele dia ”(Encyclopaedia Britannica, 11ª ed., “Sunday ”).

O próprio fato de que, no último século IV, a Igreja Romana sentiu a necessidade de legislar contra a observância do sábado mostra que fiéis remanescentes, particularmente na Ásia Menor, perseveraram a Verdade. Esta igreja cada vez mais poderosa insistiu que todos devem agora aceitar a marca “cristianizada” de adoração ao sol romano.

Aqueles que se recusaram eram facilmente identificados e não podiam mais funcionar se permanecessem nas áreas urbanas do Império Romano. Consequentemente, no quarto século, aqueles cristãos marcados como nazarenos desapareceram das áreas populosas da Ásia Menor. Por três séculos os remanescentes da

verdadeira Igreja havia passado lá, mas com a promulgação desta lei do domingo por Constantino, eles foram forçados a fugir. O católico do século IV historiador Epifânio descreve estas pessoas que diferiam "dos judeus e [católicos] cristãos: com os judeus eles não concordaram por causa de suas crença em Cristo, com os cristãos [católicos] porque foram treinados no Lei ... Esta heresia dos nazarenos existe em Beréia no bairro de Coele Syria e a Decapolis na região de Pella. De lá teve seu início após o êxodo de Jerusalém quando todos os discípulos foram morar em Pela”(Ray Pritz, Nazarene Jewish Christianity, p. 34).

Os Paulicianos Aparecem na Armênia

No quinto século, a Igreja apareceu em áreas remotas da Ásia Oriental Menor perto do rio Eufrates e nas montanhas da Armênia. Estas pessoas eram marcadas por seus contemporâneos como “paulicianos”. Quem eram eles? De acordo com a estudiosa armênia Nina Garsoian em *The Paulician Heresy*, “Parece, então, que os Paulicianos deviam ser tomados como sobrevivência da forma anterior do cristianismo na Armênia”(p. 227). O autor também afirma que os Paulicianos foram “acusados de serem piores do que outras seitas por causa da adição do judaísmo”(p. 213).

A mensagem de Cristo para esta terceira etapa da Igreja de Deus (os Paulicianos) é caracterizada pela Igreja em Pérgamo (Apocalipse 2: 12-17). O palavra Pérgamo significa “fortalecido”, e os membros desta Igreja foram reconhecidos por morarem em áreas remotas e montanhosas. Em Apocalipse 2:13, Cristo disse da Igreja de Pérgamo que eles moravam onde era o trono de Satanás. Pérgamo era um centro da antiga misteriosa religião da babilônia. Em 133 aC, Attalus III, o último "rei-deus" de Pérgamo, morreu e em sua vontade transmitiu seu reino e seu título, Pontifex Maximus ("Supremo construtor de pontes" entre o homem e Deus), para os romanos. Os governantes romanos tomaram o

título e o mantiveram até o imperador Graciano concedê-lo ao Papa Damasco em 378dC. Os papas católicos continuaram a usar esse título até hoje em dia. Além disso, historicamente, o termo "trono de Satanás" faz alusão ao antigo reino de Nimrod, que na antiguidade distante incluía a Armênia e o alto Eufrates (Gênesis 10). A Igreja de Pergamos - os Paulicianos - se mudaram geograficamente para a mesma área depois que Constantino impôs a manutenção do domingo no Império Romano.

Já no quinto século, encontramos os Paulicianos condenados como hereges em documentos católicos. No entanto, o primeiro líder proeminente entre eles, com cujo nome estamos familiarizados é Constantino de Mananali (ca. 620-681dC). Aproximadamente 654dC começou a pregar, ajudando a revitalizar a Igreja. Antes de seu ministério, a maioria da adesão da Igreja consistia de descendentes de cristãos que haviam fugido de Grécia e Ásia Menor, mais de dois séculos antes. Eles preservaram os nomes de suas congregações originais e continuaram a se referir a elas mesmo como a "igreja de Éfeso" ou a "igreja da Macedônia", apesar de estarem localizadas a centenas de quilômetros dos locais originais.

Em 681dC, Constantino de Mananali foi executado por bizantinos (Romanos orientais) comandados por um oficial chamado Simeão. Profundamente oprimido pelo exemplo e ensinamentos de Constantino, este Simeão regressou em 684dC - não como um soldado romano, mas como um convertido. Simeão tornou-se um zeloso pregador paulista, e por sua vez foi martirizado três anos depois, em 687 dC.

Em 1828, o manuscrito de um livro antigo intitulado (The Key of Truth "A chave da Verdade") foi descoberto na Armênia. O livro, em qual algumas partes do qual datam de 800dC, nos fornece os maiores detalhes dos ensinamentos dos Paulicianos. Traduzido para o inglês por Fred Coneybeare por volta de 1900, aprendemos a partir dele que os paulicianos evitavam o uso da cruz na adoração e arte religiosa, chamando-o de "implemento amaldiçoado". Eles condenaram a guerra, e eles observaram a Páscoa no décimo

quarto dia do primeiro mês do calendário sagrado. Os paulicianos rejeitaram a Alegação da Igreja dos católicos romanos de ser a "Igreja de Deus", e eles disputaram alegações do papa de "sucessão apostólica". Eles consideraram a Trindade, o purgatório e intercessão dos santos como antibíblicos.

Na introdução à sua tradução em inglês de *The Key of Truth* (A Chave da Verdade), Coneybeare fornece antecedentes históricos inestimáveis sobre as práticas dos primeiros Paulicianos. “Também sabemos de um aviso preservado em Ananias de Shirak que os Paulicianos, que eram as mesmas pessoas em uma data anterior, eram Quartodecimanos, e mantiveram a Páscoa da maneira primitiva do povo judeu. A linguagem de João de Otzun talvez implique que os antigos crentes na Armênia, durante o século VII eram Quartodecimanos, como devemos esperar que eles sejam” (Coneybeare, intro., clii). Coneybeare ainda declara: “O sábado foi talvez guardado e não houve domingo observâncias especiais” (p., cxiii). Ele prossegue dizendo dos Paulicianos que “eles eram provavelmente o remanescente de uma antiga igreja judaica-cristã, que se tinha espalhado através de Edessa para Siuniq e Albânia” (p. clxii).

Em algum momento de sua história, no entanto, muitos Paulicianos cederam a um erro fatal. Eles raciocinaram que eles poderiam externamente estar em conformidade com muitas das práticas da Igreja Católica, a fim de evitar a perseguição enquanto em seu coração eles soubessem a verdade. Este caminho de compromisso levou muitos a ter seus filhos batizados e outros a assistir à missa. Cristo profetizou isto, admoestando a Igreja em Pérgamo sobre aqueles que defendiam doutrinas pagãs e imorais (Apocalipse 2: 14-15). O resultado de seu comprometimento foi que Cristo permitiu severa perseguição vir sobre eles. Quando a perseguição veio, alguns dos Paulicianos sitiados decidiram que a solução para o seu problema estava em entrar em uma aliança com os árabes muçulmanos que estavam fazendo nesse então incursões sérias no Império Bizantino. Controvérsias entre os os Paulicianos durante estes anos criaram várias divisões no grupo.

Antes de 800dC, uma personalidade líder da Igreja, um homem chamado Baanes, veio para a liderança dos Paulicianos na Armênia e promulgou uma doutrina de retaliação militar. Pouco depois, outro ministro chamado Sérgio tornou-se proeminente dentro dos Paulicianos. Porque Sérgio condenou a guerra, em desacordo com a posição tomada por Baanes, ele foi acusado de causar um cisma dentro do grupo. Mas, apesar de dificuldades, o ministério de Sérgio durou mais de 30 anos. Depois da morte dele no entanto, a maioria de seus seguidores começaram a participar na guerra.

Ascensão dos Bogomils

No oitavo e nono séculos, muitos Paulicianos armênios foram forçosamente reassentados nos Bálcãs pelos imperadores bizantinos. Eles eram colocados ali como um baluarte contra as tribos invasoras búlgaras. Relocalizados nos Bálcãs, os paulicianos passaram a ser chamados de bogomilos.

O que estes Bogomilos ensinaram? “O batismo era apenas para ser praticado em homens e mulheres crescidos... imagens e cruzes eram ídolos”(Encyclopaedia Britannica, 11ª ed., “Bogomils”). Eles também ensinaram que a oração deve ser feita em casa, não em edifícios separados, como igrejas. Eles ensinaram que a congregação consistia dos "eleitos" e que cada indivíduo deve procurar alcançar a perfeição de Cristo. Seu ministério foi dito ser sobre curar os enfermos e expulsar demônios.

Nos séculos X e XI, muitos Bogomilos se espalharam para o oeste e estabeleceram-se na Sérvia. Mais tarde, grandes números se refugiaram em Bósnia no final do século XII. Estes Bogomilos eram “apenas uma versão de um grupo de seitas heréticas relacionadas que floresceram na Ásia Menor e sul da Europa durante a Idade Média sob uma variedade de nomes, sendo os mais conhecidos os patarenos, cátaros e Albigensians”(Encyclopaedia Britannica, 15ª ed., Vol. 29, p. 1098). Eles foram condenados como hereges por acreditarem que “o mundo é governado por dois

princípios, o bem e o mal, e os assuntos humanos são moldados pelo conflito entre eles; todo o mundo visível é entregue a Satanás” (Encyclopaedia Britannica, p. 1.098). De sua base balcânica, a influência dos Bogomilos, inicialmente fomentada pela rede de negociação comerciante, estendida até Piemonte na Itália e também ao sul da França. Por o tempo em que os otomanos turcos assumiram o poder na Bósnia, as sementes da Verdade tinham-se espalhado pelas áreas piemontesas, Provençal e Alpina da Europa.

Os Cátaros e Valdenses

No início do século XII, houve uma revitalização da verdade com o levantamento da próxima fase da Igreja sob a liderança de Peter de Bruys, no sudeste da França. Esta etapa na história da igreja é caracterizada pela Igreja em Tiatira, em Apocalipse 2.

Os vales do Piemonte, no sudeste da França, foram descritos por Pope Urban II, em 1096, como sendo "infestado de heresia". Era um destes vales, o Vale Louise, que Peter de Bruys surgiu em 1104 e começou a pregar o arrependimento. Ele ganhou muitos seguidores entre os cátaros, inicialmente e depois entre o público em geral.

Os cátaros (que significa "puritanos"), entre os quais de Bruys originalmente pregava, eram remanescentes de assentamentos anteriores de Bogomil. No entanto, por este tempo, a maioria aceitou uma variedade de novas e estranhas doutrinas e foram bastante divididos entre si. Sua pregação e a de seus sucessores trouxeram uma Igreja revitalizada durante a primeira metade do décimo segundo século nos vales do sudeste da França. De Bruys professou restaurar o cristianismo à sua pureza original. No final de um ministério de cerca de 20 anos, ele foi queimado no fogo. Em rápida sucessão depois dele, surgiram dois outros ministros fortes, Arnold e Henri.

Após a morte de Henri em 1149, a Igreja enfraquecia e parecia entrar em eclipse. Alguns anos depois, um rico comerciante em

Lyon, Peter Waldo, foi atingido por uma circunstância incomum e começou pregando o Evangelho em 1161. Depois de ficar chocado ao contemplar o verdadeiro significado da vida como resultado da morte súbita de um amigo próximo, Waldo obteve uma cópia das Escrituras e começou a estudar a palavra de Deus. Ele logo ficou surpreso ao descobrir que as Escrituras ensinavam o oposto de muito do que ele aprendeu durante sua educação católica.

O historiador Peter Allix, citando um antigo documento valdense, *A Nobre Lição* nos diz: “O autor, supondo que o mundo tinha chegado ao fim, exorta seus irmãos à oração, à vigilância ... Ele repete os diversos artigos da lei, não esquecendo aquilo que respeita aos ídolos” (*História Eclesiástica das Igrejas Antigas do Piemonte*, pp. 231, 236-237).

Em outro lugar, Allix escreve que os líderes valdenses “declararam ser os sucessores dos apóstolos, para ter autoridade apostólica, e as chaves de amarrar e soltar. Eles consideraram a igreja de Roma como sendo a prostituta da Babilônia” (*História Eclesiástica*, p. 175).

Peter Waldo fez de Lyon, na França, o centro de sua pregação de 1161 até 1180. Então, por causa da perseguição, ele se mudou para o norte da Itália. De cerca de 1210 até sua morte, sete anos depois, Waldo passou o tempo pregando na Boêmia e na Alemanha. “Como St. Francis [de Assis], Waldo adotou uma vida de pobreza para que ele pudesse ser livre para pregar, mas com esta diferença que os valdenses pregavam a doutrina de Cristo, enquanto os franciscanos pregavam a pessoa de Cristo” (*Encyclopaedia Britannica*, 11a ed.).

Quais foram algumas das outras doutrinas ensinadas pelos valdenses? Existe evidência de que os primeiros valdenses eram guardadores do sábado? 1 dos nomes pelos quais eles eram mais conhecidos era o de Sabbatati! Em seu trabalho de 1873, *History of the Sabbath*, o historiador J. N. Andrews cita um trabalho anterior do historiador suíço-calvinista Goldastus que escreveu cerca de 1600. Falando dos valdenses, Goldastus escreveu: “Insabbatati

[eles foram chamados] não porque eram circuncidados, mas porque guardavam o sábado judaico ”(Andrews, p. 410). Andrews se refere ainda ao testemunho do Arcebispo Ussher (1581–1656), que reconheceu “que muitos entendiam que eles [os nomes Sabbatati ou Insabbatati] foram dados a eles [Waldenses] porque eles adoravam no sábado judaico ”(p. 410). Claramente até notáveis estudiosos protestantes no final da Idade Média estavam dispostos a reconhecer que muitos valdenses haviam observado o sétimo dia Sábado.

Em seu trabalho de 1845, *A História da Igreja Cristã*, William Jones escreveu:

“Investigadores fizeram um relatório para Louis XII [reinou de 1498 a 1516], rei da França, que eles tinham visitado todas as paróquias onde o Waldenses moravam. Eles inspecionaram todos os lugares de culto deles... mas não encontraram imagens, nenhum sinal das ordenanças pertencentes à missa, nem qualquer dos sacramentos da igreja romana ... Eles mantiveram o dia de sábado, observaram a ordenança do batismo de acordo com a igreja primitiva, instruíram seus filhos nos artigos da fé cristã e os mandamentos de Deus.

“Os valdenses podiam dizer uma grande parte do Velho e do Novo Testamentos de cor. Eles desprezavam os ditos e exposições de homens santos [padres da igreja católica romana], e eles apenas apelavam ao teste da Escritura ... As tradições da igreja [romana] não são melhores do que as tradições dos fariseus, e que o maior estresse é colocado [por Roma] na observância da tradição humana do que em não guardar a lei de Deus. Eles desprezam a festa da Páscoa, e todas as outras festas romanas de Cristo e dos santos ”(Um Manual de História da Igreja, pp. 234, 236-237).

Comprometer Uma Vez Mais

Houve, no entanto, um problema sério que afetou a maior parte dos Grupos valdenses durante a última Idade Média - assim

como incomodou os Paulicianos. Esta foi a tendência de muitos a permitir Padres católicos para "baptizar" seus filhos, bem como sua disposição para participar de cerimônias de adoração católicas. Sabendo que tais cerimônias são inúteis para ganhar a salvação, muitos sentiram que a conformidade com Roma evitaria a perseguição e lhes permitira em particular praticar a verdade. Esta tendência foi profetizada por a Igreja em Tiatira em Apocalipse 2: 20–24. Do ponto de vista de Deus, o que eles estavam fazendo equivalia a fornicção espiritual e a participação da comunhão católica era “comer coisas sacrificadas aos ídolos”.

O que aconteceu com os valdenses? “Os Valdenses desapareceram lentamente dos principais centros de população e se refugiaram nos retirados vales dos Alpes. Lá, nos recessos do Piemonte ... um acordo dos valdenses foi feito que deu seu nome a estes vales de Valdenses ... Às vezes foram feitas tentativas para suprimir a seita dos Valdenses, mas a natureza do país que eles habitaram, a sua obscuridade e seu isolamento fizeram as dificuldades de sua supressão maior que as vantagens que se podem obter com isso”(Encyclopaedia Britannica, 11ª ed., “Waldenses”).

Em 1487, o papa Inocêncio VIII emitiu um furioso pedido ao seu extermínio e um grave ataque foi feito em sua fortaleza. Um nevoeiro os rodeou e cercou os exércitos católicos salvando os Valdenses da destruição total. No entanto, a maioria estava simplesmente desgastada e tinha entrado num espírito de compromisso. Quando a Reforma começou alguns anos mais tarde, a liderança valdense enviou emissários à Igreja luterana. “Assim,” como a Encyclopaedia Britannica escreve, “os valdenses deixaram de ser relíquias do passado, e foram absorvidos no geral movimento do protestantismo”.

Quando a apostasia total engoliu a maioria dos remanescentes dos valdenses no final dos anos 1500, Deus preservou um remanescente fiel. Indivíduos que foram os frutos dos últimos sete anos do ministério de Waldo tinham sido convertidos na Boêmia e na Alemanha no século XIII. Nas remotas zonas das montanhas

dos Cárpatos da Europa Central e Oriental, indivíduos e pequenos grupos sobreviveram. De fato, um remanescente fiel sobreviveu em isolamento naquelas áreas até aos tempos modernos (cf. Revelação 2: 24-25).

Quando o século XVII se aproximou, a próxima era da Igreja de Deus estava pronta para emergir no palco. Remanescentes dos Alemães Valdenses, às vezes chamados de Lolardos por pessoas de fora, haviam penetrado na Holanda e na Inglaterra, já nos séculos décimo quarto e décimo quinto. No entanto, foi apenas nas últimas décadas do século XVI que a Igreja poderia começar a surgir abertamente na Alemanha e Grã-Bretanha.

Capítulo 4:

Criando Raízes em um Novo Mundo

O que aconteceu com a Igreja que Jesus construiu? Ela suportou e sobreviveu incríveis probabilidades! Os homens e mulheres que foram os ancestrais espirituais do povo de Deus hoje exemplificado na fé e coragem. Vez após vez ao longo dos séculos eles tiveram que se mudar no fim de remover-se de qualquer perseguição exterior ou interna apostasia e compromisso. Naqueles tempos, quando parecia que a chama da verdade de Deus vacilava mais vagamente, Cristo sempre levantou outro líder fiel para reunir seu povo e revitalizar a obra de Deus.

No final dos anos 1500, as congregações que o mundo marcado “Anabatistas sabatistas” emergiu dos remanescentes Valdenses que estavam crescendo na Europa Central, Alemanha e Inglaterra. Eles foram denominados sabatistas porque ensinavam e observavam o sábado do sétimo dia. Eles foram chamados anabatistas, significando "re-batizadores", porque eles se recusaram a aceitar como cristãos aqueles que meramente foram aspergidos

como bebês. Eles ensinaram que o batismo era apenas para adultos que tinham vindo a acreditar no Evangelho e se arrependeram de seus pecados (cf. Atos 2:38).

A História dos Anabatistas

Entre eles estavam notáveis homens como Oswald Glaidt, Andreas Fischer e Andreas Eossi. Sua área de ministério era primariamente Alemanha, Polônia, Hungria e partes do que mais tarde se tornou conhecido como a Checoslováquia e a Romênia. Estes homens ensinavam obediência ao Sábado e Festas Santas, bem como uma rejeição do batismo infantil e a Trindade. Deus os usou para fortalecer o remanescente fiel e fornecer uma testemunha da verdade quando a turbulenta reforma protestante estava varrendo a mesma área.

Glaidt e Fischer se conheceram durante uma viagem pelo rio Danúbio em 1527. Ambos escreveram livros em defesa do sábado. Em resposta àqueles que o acusaram de tentar ganhar a salvação porque ele ensinava que obediência aos Dez Mandamentos era necessária, Glaidt respondeu: “A lei moral diz: 'Não mate', mas ninguém argumentaria seriamente que isto não está mais em vigor, nem ninguém diria que simplesmente abster-se de assassinato é uma tentativa de alcançar a salvação com base em 'Obras' ”(Daniel Liechty, *Sabbatarianism no século XVI*, p.31). Glaidt foi executado em Viena em 1546. Pouco antes de sua morte ele disse aos seus acusadores: “Mesmo se vocês me afogarem, eu não negarei a Deus e à Sua Verdade. Cristo morreu por mim e eu continuarei a segui-lo e morrerei pela sua verdade antes que eu desista ”(p. 35). Livros e folhetos sobre o sábado e outros assuntos relacionados também foram publicados no final da 1500s por Eossi, um húngaro de nascimento nobre.

Em meados da década de 1600, remanescentes da Igreja na Europa Central sendo cada vez mais perseguidos por a Igreja Católica ressurgente que foi recuperando o controle após a

turbulência da Reforma. Os verdadeiros cristãos enfrentaram severa perseguição ou tiveram que emigrar para uma área que oferecia maior liberdade para praticar suas crenças. A área remota das montanhas Trans-Carpathian, que já era o lar de Remanescentes valdenses, tornou-se um santuário para muitos. No décimo oitavo século, a maioria dos poucos remanescentes alemães guardadores do sábado migraram para a Pensilvânia. Havia também um número de pessoas que eram associados ao “movimento anabatista”, mas que aceitaram outros Ensinamentos Protestantes da Reforma. Daqueles descendentes tais grupos modernos como os Batistas, Menonitas e Amish.

Enquanto isto, remanescentes da verdadeira Igreja haviam entrado em Inglaterra. A cena foi definida para o quinta etapa na história do Igreja de Deus, caracterizada pela Igreja em Sardes. O nosso primeiro registro claro de congregações da igreja observadora do sábado na Inglaterra datam da década de 1580. No início dos anos 1600, um debate público estava sendo travado como para saber se o sábado bíblico ainda estava em vigor. Durante este período, alguns livros foram escritos - muitos dos quais sobreviveram – no tópico da lei de Deus e do sábado.

John Traske foi um dos primeiros na Inglaterra a publicar um livro lidando com o sábado. Escrevendo por volta de 1618, ele foi preso por seus esforços. Alguns lhes dão crédito por ele ter levantado a igreja Mill Yard em Londres, a mais antiga igreja que guarda o sábado ainda em funcionamento e mãe das igrejas Sabbatarianas posteriores na América. Embora alguns outros historiadores datam a fundação da Mill Yard até à década de 1580, bem antes do tempo de Traske, ele certamente pastoreava a igreja no início do século XVII. Traske foi preso mais tarde e colocado na prisão. Enquanto lá estava, ele parece ter negado seus ensinamentos, a fim de obter a libertação, embora sua esposa se tenha recusado a fazê-lo; ela permaneceu fiel à verdade e passou os restantes 15 anos de sua vida na prisão.

Em 1661, John James, outro ministro da Igreja de Deus na Área de Londres, foi preso por pregar a verdade. Autor Ivor

Fletcher, em seu trabalho, *A incrível história da verdadeira Igreja de Deus*, escreve:

“Em suas últimas palavras no tribunal, ele simplesmente pediu que lessem as seguintes escrituras: Jeremias 26: 14–15 e Salmo 116: 15... depois de sua execução, seu coração foi retirado e queimado, as quatro partes de seu corpo fixados nos portões da cidade e sua cabeça montada em um poste em Whitechapel em frente ao lugar onde ficava a sua casa de reuniões. Tal foi o preço horrível que alguns estavam preparados para pagar pela obediência a Deus na Inglaterra do século XVII ”(p. 176).

Outro líder notável foi Francis Bampfield, uma cópia de sua autobiografia, *A Vida de Shem Acher*, foi preservada na Biblioteca do Museu Britânico. De 1662 até sua morte em 1683, ele passou a maior parte de seu tempo na prisão ou fugindo das autoridades inglesas. Mesmo quando ele foi detido na prisão de Dorchester, as pessoas se reuniram lá para ouvi-lo pregar. Foi nesta época de perseguição que um evento de implicações de longo alcance aconteceram: Stephen Mumford e sua esposa membros da Igreja, deixaram a Inglaterra para ir ao Novo Mundo e vieram para Rhode Island em 1664. No início dos anos 1700, a Igreja de Deus na Inglaterra estava virtualmente morta. A maioria dos ministros da época, além de pregar no sábado, estavam pastoreando igrejas no domingo para ganhar dinheiro extra. O compromisso tomou seu pedágio.

A Igreja na América no Início

Ao chegar em Rhode Island, a única colônia americana fundada sobre o princípio da liberdade religiosa, os Mumfords começaram a comunhão com os batistas em Newport. Eles não estavam calados, no entanto, sobre sua crença no sábado. Em 1665, no primeiro ano da chegada de Mumfords, Tacy Hubbard começou a guardar o sábado com eles, tornando-se a primeira convertida na América. Pouco depois, o marido dela Samuel se juntou a ela. Em

1671, a primeira igreja guardadora do sábado na América começou oficialmente com sete membros. William Hiscox foi o primeiro pastor da igreja, servindo de 1671 até sua morte em 1704.

Em 1708, uma segunda igreja foi organizada oficialmente em Westerly, Rhode Island (posteriormente renomeada como Hopkinton). Ao longo do décimo oitavo século, Rhode Island, Pensilvânia e Nova Jersey parecem ter sido as principais áreas das igrejas observadoras do sábado. Durante este tempo, os Alemães observadores do sábado imigraram para a Pensilvânia. Peter Miller foi o mais conhecido ministro dos observadores do sábado na Pensilvânia e era amigo de Benjamin Franklin.

O tempo da Revolução Americana foi difícil para muitos dos Povos de Deus. A história dessa época também demonstra como ministros e membros estavam espiritualmente mortos. Várias congregações estavam muito divididas sobre a questão da guerra e do envolvimento político. Jacob Davis, pastor da Shrewsbury, Igreja de Deus em Nova Jersey, juntou-se ao Exército Continental como capelão. Muitos dos membros seguiram o seu exemplo e também se alistaram. Um membro, Simeon Maxson, corajosamente objetou e marcou qualquer membro da igreja que apoiasse a guerra como “filho do diabo” (Richard Nickels, Six Papers on the História of god’s Church, p. 60). Ele foi expulso da congregação por causa da sua posição.

Os guardadores do sábado na área de Shrewsbury estavam empobrecidos e divididos pela guerra. Muitos se mudaram para a Pensilvânia após o Revolução e, antes de 1800, a maioria dos que se mudaram foram para Salem, Virginia (mais tarde Virgínia Ocidental). A área em torno de Salem tornou-se um dos principais centros do povo de Deus desde cerca de 1800 até o século XX.

A história do povo de Deus nesta área não é, no entanto, a história de unidade e de um grande trabalho sendo feito. É a história da divisão, apostasia e letargia espiritual por parte da maioria - muito do que foi promovido pela influência da proeminente família de Davis, que produziu muitos dos principais ministros nos séculos XVIII e XIX. A grande maioria dos irmãos

pareciam estar tão espiritualmente mortos que eles seguiram cegamente os ministros apóstatas no protestantismo.

William Davis, nascido no País de Gales em 1663, foi da Igreja de Inglaterra para os Quakers, e então se tornou um batista. Em 1706, ele aceitou o sábado e pediu para ser membro da igreja de Newport, mas foi rejeitado porque ele tinha doutrinas erradas. Finalmente, em 1710, ele foi aceito para ser membro e, em 1713, foi autorizado a pregar e a batizar. No entanto, ele acreditava na Trindade, a imortalidade da alma e em "ir para o céu" - totalmente contrário às doutrinas ensinadas por a Igreja naquela época! Por o resto de sua vida, Davis várias vezes entrou e saiu da comunhão com a Igreja. "Davis desempenhou um papel poderoso moldando o futuro dos batistas sabatistas "(Nickels, p. 55).

Nos primeiros dias, nenhum pensamento especial foi dado para um nome oficial da igreja. As congregações em sua correspondência umas com as outras se referiram a si mesmo como "a Igreja de Cristo que está em Newport" ou "a Igreja de Deus que vive em Piscataway". os membros simplesmente a chamavam de "a Igreja". Os estrangeiros se referiam a eles como Sabatistas ou batistas sabatistas. Quando a igreja em Newport recebeu uma carta oficial do estado em 1819 (havia sido estabelecida em 1671, mas os requisitos legais estavam mudando), foi registrada sob a nome "Igreja Batista do Sétimo Dia de Cristo."

Em 1803, uma conferência geral foi organizada por oito congregações observadoras do sábado no Nordeste, a fim de coordenar seus esforços evangelísticos e cooperar na publicação de literatura. Em 1805, eles adotaram o nome "A Conferência Geral Sabatista". Em 1818, o nome foi mudado para A conferência Geral Batista do Sétimo Dia e a organização tinha crescido para incluir as congregações que guardam o sábado fora do nordeste.

A Igreja estava passando por muitas mudanças. Podemos notar um progresso do não-trinitarianismo para a posição trinitária defendida pela família Davis e outros. Uma declaração escrita em 1811 defendeu o ensinamento tradicional da Igreja, observando que "os batistas sabatistas acreditavam que o Espírito Santo era o

poder operante ou espírito de Deus... Há poucos... que acreditam que o Pai, o Filho e o Espírito Santo, são três pessoas distintas absolutas, iguais... e ainda um só Deus” (Nickels, p. 91).

Apenas 22 anos depois, no entanto, em 1833 a posição oficial da Exposição de Sentimentos, havia se tornado: "Acreditamos que há uma união existente entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo; e que eles são igualmente divinos e igualmente têm direito à nossa adoração” (Nickels, p. 91). Ainda em 1866, foi reconhecido que alguns dos ministros ainda possuíam uma forte aversão ao uso da palavra "Trindade".

Durante este tempo, muitos ministros e membros divergiram tão longe da verdade que eles eram agora apenas protestantes que reuniam no sábado. A edição de 18 de novembro de 1983 do *The Westerly Sun* o Jornal descreveu a celebração do aniversário da mais antiga igreja Sabatista nos Estados Unidos com esta manchete: “A Igreja vai comemorar 275 anos marcados com a mudança.” O artigo no jornal disse que a "igreja celebrará seu 275º aniversário neste fim de semana - experiência que tem sido marcada pela mudança de pressões sociais, apesar do costume de guardar o sábado.”

As mudanças que ocorreram foram marcadas por uma constante erosão da verdade e um movimento para o protestantismo convencional. De fato, as igrejas batistas do sétimo dia em Rhode Island há muito deixaram de abrigar a Igreja de Deus viva. Eles são apenas edifícios antigos, museus de onde a verdade foi uma vez ensinada e a obra de Deus foi uma vez continuada. As congregações que agora se encontram lá acreditam na Trindade, observar o Natal e a Páscoa, e até mesmo voltar a campanários construídos - símbolos pagãos definidos - em alguns dos prédios antigos.

Enquanto a maioria dos observadores do sábado estavam saindo mais e mais da verdade, havia membros individuais de congregações que permaneceram fieis. Encontramos registros da igreja de South Fork, no oeste de Virginia, que observaram a Páscoa e evitaram carnes sujas no início dos anos 1800.

Este pequeno grupo foi forçado a retirar-se da comunhão da Conferência Geral e todos os outros Batistas das organizações do Sétimo Dia, por causa das doutrinas diferentes” (Nickels, p. 68). Em 1870, outra geração estava em cena e, eventualmente, a maioria das igrejas de South Fork aceitaram a organização batista do sétimo dia.

Outro grupo, chamando-se de Igreja de Deus em Wilbur, foi organizado em 1859 pelo Élder J. W. Niles, da Pensilvânia. Continuava em funcionamento na década de 1930 e foi chamado por Andrew Dugger, em seu livro Uma História da Verdadeira Religião, “a mais antiga e verdadeira Igreja de Deus agora funcionando no estado de West Virginia”(p. 311).

O Movimento Adventista

Na década de 1830, um movimento surgiu entre as igrejas protestantes no oeste de Nova York, que incidiu sobre o regresso de Jesus Cristo a esta terra e no estabelecimento do Seu Reino literal. Esta mensagem, que primeiro começou a ser vigorosamente proclamada por William Miller, foi totalmente diferente da aceite doutrina protestante. Seus ensinamentos sobre profecia atraíram muito interesse e despertou crescente atenção na data prevista de 1844 para o retorno de Cristo que se aproximava. Depois do que foi denominado "a grande decepção", a confusão se instalou nestes Adventistas Protestantes. Ridicularizados pelos protestantes tradicionais, alguns ficaram desiludidos e desistiram completamente da religião. Outros continuaram a procurar nas Escrituras para ver onde eles tinham errado.

Frederick Wheeler era um ministro metodista em Washington, New Hampshire, que aceitou a mensagem adventista da segunda Vinda de Cristo, e do estabelecimento literal do Seu Reino. Em volta do início de 1844, ele recebeu um visitante na sua congregação. Uma Rachel Oakes, membra de uma congregação batista do sétimo dia em Verona, Nova York, veio visitar sua filha.

Ouvindo o Sr. Wheeler chamar sua congregação para obedecer a Deus e manter Os Seus mandamentos em todas as coisas, a Sra. Oakes confrontou-o após o serviço com a verdade de que guardar o Sábado desempenhava um papel vital na obediência dos Mandamentos de Deus. Surpreendido, ele prometeu estudar o assunto. Dentro de semanas, ele estava convencido da verdade do sábado e começou a proclamá-la. A verdade do sábado se espalhou como um incêndio entre os adventistas desiludidos. Centenas de outros responderam, também, à simples verdade do verdadeiro Evangelho e de obediência a todos os mandamentos de Deus.

Na comunhão destes zelosos adventistas sabatistas vieram Roswell Cottrell, um ministro de longa data e guardador do sábado. A família dele tinha estado entre os primeiros membros da Igreja de Deus em Rhode Island, mas a família Cottrell se retirou da irmandade do que era então chamada doutrina da Igreja Batista do Sétimo Dia. Esta foi a época em que mudanças como a Trindade e a imortalidade da alma estavam sendo adotadas como doutrina oficial da Igreja Batista do Sétimo Dia. Cerca de 15 anos depois de entrar na irmandade dos Sabatistas Adventistas, ele encontrou-se mais uma vez envolvido em controvérsias.

Élder James White, que surgiu como o principal líder entre os que guardavam o sábado, nas Igrejas Adventistas de Deus, estava pressionando por uma conferência organizacional e um nome oficial de, Igreja adventista do sétimo dia. Havia aqueles que se opunham a esta mudança como não era bíblica e também se opunham a dar credibilidade às visões da esposa do Élder White, Ellen G. White. Roswell Cottrell se opôs aos movimentos organizacionais do Sr. White. Ele escreveu, em 3 de maio de 1860, *Review and Herald*, “Eu não acredito em papado; nem acredito em anarquia; mas na ordem da Bíblia, disciplina, e governo na Igreja de Deus”(Nickels, p. 162).

Em outubro de 1860, em uma conferência em Battle Creek, Michigan, a esmagadora maioria dos presentes rejeitaram o nome "Igreja de Deus" e adotaram o nome Adventista do Sétimo Dia como um nome descritivo de suas crenças. Este era o nome que

estava sendo empurrado pelos White. As visões da Sra. White estavam sendo cada vez mais avançadas como “a nova verdade” para a Igreja.

Ao longo da década de 1860, a divisão entre a maioria que seguiram os white e os remanescentes dispersos que não os seguiram se tornou cada vez mais decisiva. Durante a Guerra Civil, os membros da Igreja de Deus se tornaram firmes opositores conscienciosos, em contraste com o sétimo dia Adventistas sob a liderança dos White. Uma delegação do Igreja de Deus se reuniu com o Presidente Abraham Lincoln em 1863, a fim de estabelecer a posição objectiva de consciência para os jovens da Igreja.

Uma citação de uma carta circular de irmãos em Marion, Iowa, publicada na edição de 7 de setembro de 1864 da *The Hope of Israel*, a Publicação da igreja, dá uma ideia do que estava acontecendo no momento:

“No dia 10 de junho de 1860, algo mais de 50 de nós adotamos um forma de aliança da igreja, elaborada por [M. E. Cornell].... Quase um ano e meio depois, o mesmo mensageiro segurou publicamente alguns outros volumes ao lado da Bíblia ... e nos incitou a adotar seu ensino também, como regra de fé e disciplina. Uma parte de nós não estava disposta a aceitar estas novas regras na plataforma da nossa Igreja.... O resultado foi que cerca de metade da Igreja decidiu receber estes volumes como uma escritura válida, e se retiraram de nós, ou melhor, nos repeliram deles, denunciando-nos como rebeldes ... Como nos consideram rebeldes, afirmamos com ousadia que não somos rebeldes. Nós não nos rebelamos contra a constituição que adotamos, pois estamos ainda firmes nela ... então a acusação de rebelião reflete com vergonha sobre eles, e o que fizeram, sendo eles aqueles que partiram de sua primeira posição e adotaram uma nova” (Robert Coulter, *A História da Igreja de Deus sétimo dia*, p. 16).

Em agosto de 1863, o jornal da pequena igreja chamado *The Hope of Israel* começou a ser impresso em Michigan. Começou com menos de 40 assinantes. Em 1866, foi transferido para Marion, Iowa, e em 1888 mudou-se novamente para Stanberry,

Missouri. Ao longo dos anos, o papel sofreu várias mudanças de nome, sendo chamada de The Bible Advocate.

Uma das figuras mais proeminentes da Igreja de Deus durante este tempo foi Jacob Brinkerhoff. Ele editou o jornal de 1871 até 1887, e novamente de 1907 até 1914. Em 1874, A. F. Dugger Sr. de Nebraska entrou a tempo completo no ministério da Igreja de Deus. A partir da década de 1870 até os anos imediatamente anteriores à Primeira Guerra Mundial, os Idosos Brinkerhoff e Dugger contribuíram com muitos dos artigos que ajudaram a esclarecer e solidificar a doutrina na Igreja. Artigos sobre profecia, puras e impuras carnes, dízimos, observância adequada da Páscoa e o que significa ser "nascido de novo" foram impressos.

Já em 1866, os artigos sobre profecia ensinavam que os judeus seriam restaurados para uma pátria na Palestina. Houve alguma verdade restaurada e ensinada, mas, apesar de tudo, os esforços da Igreja eram fracos e só atingiram um pequeno número de pessoas, principalmente nas zonas rurais do Centro Oeste.

A fase da história da Igreja em que nos concentramos neste capítulo é melhor descrita pela mensagem de Cristo à Igreja de Sardes, gravada em Apocalipse 3: 1–6. Esta igreja foi dita que, embora tivesse um nome que estava vivo, estava espiritualmente morta. “Sê vigilante e confirma o restante que estava para morrer” (Apocalipse 3: 2). Enquanto esta igreja num todo é espiritualmente letárgica ou até morta, há algumas pessoas entre eles que Cristo diz “que não contaminaram suas vestes e comigo andarão de branco, porquanto são dignas disso”(v. 4).

Capítulo 5:

Separações, Divisões e um Novo Início

O século XX foi claramente a época da mudança mais rápida na história humana. O século abriu com o cavalo e carruagem como o principal meio de transporte, ainda que dentro dos primeiros 70 anos homens tinha viajado para a lua e voltado! Este século viu duas grandes guerras mundiais e a introdução de armas de destruição em massa. Pela primeira vez no tempo da história humana, foi possível aniquilar toda a vida deste planeta, assim como Jesus Cristo predisse em (Mateus 24:22).

Outra profecia que caracteriza exclusivamente este tempo final é que o verdadeiro Evangelho do Reino de Deus será pregado em todo o mundo como testemunha e então virá o fim (v. 14).

O Primeiro Quarto do Século XX

No início do século XX, a Igreja de Deus era pequena e dispersa, com menos de 1.000 membros, vivendo principalmente no

Meio-Oeste Americano. A Conferência Geral da Igreja de Deus legalmente incorporada em 1900 no estado do Missouri. O Jornal da Igreja passou por uma mudança de nome naquele mesmo ano para se tornar The Bible Advocate.

Em 1903, Gilbert Cranmer, um ministro desde a década de 1850 e um dos construtores principais da Igreja no rescaldo da Igreja Adventistas do Sétimo Dia / Igreja de Deus dividida na década de 1860, morreu aos 89 anos. Em 1910, Alexandre Dugger, que havia servido como líder da Conferência Geral desde a seu início, além de ter servido como editor do The Bible Advocate, também morreu.

Um terceiro pioneiro fiel, Jacob Brinkerhoff, morreu em 1916. Ele serviu como editor do Advocate dentro e fora de 1871 a 1914. O Sr. Brinkerhoff foi considerado por muitos como o líder mais destacado da Igreja em seu tempo. “Jacob Brinkerhoff serviu a Igreja de Deus por mais de 40 anos ... Em vez de comprar uma casa em 1874, Brinkerhoff usou o dinheiro para comprar o equipamento de imprensa para o Advocate do Advento do Sábado.... Aparentemente, ele impediu o colapso total da Obra ” (Richard Nickels, História do Sétimo Dia, Igreja de Deus, p. 85).

Andrew N. Dugger, filho de Alexander Dugger, começou seu ministério com a Igreja de Deus em 1906. Quando Jacob Brinkerhoff se aposentou da editora do The Bible Advocate em 1914, ele se tornou tanto presidente de Conferência Geral como editor. “Durante seu mandato como presidente e editor, Dugger exerceu muita influência sobre a Igreja. Durante todo o período inicial da liderança de Dugger, a Igreja de Deus experimentou um pouco de seu crescimento mais rápido e maior ”(Coulter, pp. 41–42). Andrew Dugger manteve a liderança de junho de 1914 até 1932.

A questão da organização e do governo há muito era uma fonte de controvérsia dentro da Igreja de Deus. Reconhecendo que nenhum trabalho de qualquer consequência poderia ser feito com a quantidade escassa de dinheiro entrando na sede em Stanberry,

Missouri (menos de US \$ 1.000 em 1917), Andrew Dugger tomou medidas para corrigir a situação. Ele enviou uma pesquisa para os membros em 1922 para descobrir quanto dízimo pagaram no ano anterior, e a quem foi pago. Tornou-se aparente que a maioria dos dízimos estavam sendo coletados por ministros individuais, e que um ministro em particular que “trabalhou pouco” tinha recolhido a parte maior. Logo, uma política foi promulgada que todos os dízimos deveriam ser pagos nas Conferências Estaduais, e que o dízimo desse dízimo deveria ser enviado para a Conferência Geral. Em 1923, a renda da Conferência Geral em Stanberry saltou para mais de \$18.000 US.

Em cerca de 1904, G. G. Rupert entrou no ministério da Igreja de Deus. O Sr. Rupert já havia estado no ministério da Igreja Adventista do sétimo dia e levantou congregações na América do Sul. Depois de vários anos de crescente discordância doutrinal, ele deixou os adventistas em 1902. Entre outras coisas, o Sr. Rupert chegou a entender que tanto o sábado e os dias santos anuais foram vinculativos sobre a Igreja do Novo do Testamento. Em 1913, Jacob Brinkerhoff publicou uma série de artigos por G. G. Rupert em *The Bible Advocate* discutindo o assunto da lei de Deus, argumentando que os dias santos de Levítico 23 eram obrigatórios para a Igreja do Novo Testamento. Embora a Igreja nos Estados Unidos tenha prestado pouca atenção a este ensinamento, muitas das congregações da América do Sul, que o Sr. Rupert tinha estabelecido não só seguiram o seu exemplo em deixar a irmandade dos adventistas, mas também aceitaram os Dias Santos de Deus. Por desacordo entre o Sr. Dugger e o Sr. Rupert sobre algumas questões de doutrina, e particularmente sobre a questão da organização da igreja e do governo, o Sr. Rupert continuou como ministro “independente” da Igreja de Deus, publicando sua própria revista, *The Remnant of Israel*, até sua morte em 1922.

As Décadas de 1930 e 1940: Um Novo Começo

O final dos anos 1920 e início dos anos 1930 viram a Igreja de Deus se tornar praticamente paralisada por brigas políticas e conflitos doutrinários. A conferência da Igreja em 1929 foi marcada por considerável confusão e dissensão. Questões de controvérsia giravam em torno de "nascer de novo", carnes limpas e impuras, o uso de tabaco, a data da Páscoa (14 ou 15 de nisã), e a obra do Espírito Santo (pentecostalismo). O número de conversões diminuiu e a Obra da Igreja estava praticamente paralisada.

Foi neste ponto, no outono de 1926, que a vida do Sr. Herbert W. Armstrong se entrelaçou com a história da Igreja de Deus. O ministério do Sr. Armstrong, sem dúvida, teve maior impacto sobre mais pessoas do que qualquer ministro da Igreja de Deus desde o primeiro século. Desafiado por sua esposa em relação a qual dia era o sábado cristão, como também por uma cunhada sobre a questão da evolução, o Sr. Armstrong começou um período de seis meses de estudo intensivo. Na primavera de 1927, ele tinha chegado a entender de que muito do que ele tinha crescido acreditando não era a verdade bíblica. Ele aprendeu que tanto o sábado do sétimo dia quanto os Dias Santos anuais de Deus devem ser mantidos pelos cristãos hoje em dia!

Como consequência deste estudo intensivo, o Sr. Armstrong lutou com a pergunta: "Onde está a verdadeira Igreja?" Ele eventualmente começou a comunhão dos irmãos da Igreja de Deus no Vale de Willamette, no Oregon, porque ele os viu retendo mais Verdade do que qualquer outro grupo.

Em 1928, o Sr. Armstrong começou a enviar artigos para publicação no The Bible Advocate. Como não havia ministro no Oregon naquela época, os irmãos em Eugene freqüentemente pediam que ele falasse à congregação. Em junho de 1931, o Sr. Armstrong foi ordenado ao ministério pela Conferência de Oregon da Igreja de Deus, iniciando assim um ministério que durou quase 55 anos!

Enquanto isso, um problema estava ocorrendo na Igreja de Deus quanto à união. Na Conferência Geral, realizada em agosto de 1933, Andrew Dugger, o líder da igreja primária nos últimos 20 anos, perdeu sua posição por um voto. Isto precipitou uma crise que dividiu o grupo ao meio. "Num lado, Andrew N. Dugger e outros sustentaram a "reorganização" do governo da igreja, carnes limpas, sem fumar e Páscoa em 14 de nisã. Por outro lado, Burt F. Marrs liderou um grupo de "independentes" que foram pró-porco e tabaco, e acreditaram que a Páscoa devia ser em Nisan 15. A questão de quando observar a Páscoa foi debatido por três dias durante o tempo da divisão”(Nickels, p. 151). Andrew Dugger retirou-se da Conferência Geral da Igreja de Deus, sediada em Stanberry e realizou uma reunião para reorganizar a Igreja em Salem, West Virginia, em novembro de 1933. Uma nova estrutura organizacional foi instituída “Doze Apóstolos”, “Setenta Anciãos” e “Sete” se concentraram nas finanças.

Os postos eram escolhidos por sorteio e não por voto. O Sr. Armstrong, de Oregon, foi escolhido como um dos “Setenta”. Ele e a maioria dos irmãos de Oregon mudaram sua afiliação da organização de Stanberry para a nova organização sediada em Salem. Apesar de que o Sr. Armstrong não recebia um salário de Salem, ele aceitou a suas credenciais ministeriais e apresentou relatórios ministeriais mensais.

“A divisão da Igreja de Deus (sétimo dia) causou a adesão e liderança muito pena. Muitos membros e prospectos foram desencorajados pelos frequentes ataques que uma igreja lançou à outra. Em alguns casos, os ministros mudaram de organização, desmanchando a sua associação. Em outros casos, os membros se tornaram peões em luta entre os ministros que estavam competindo por sua lealdade, apoio e suporte. O crescimento dos membros da década de 1920 não foi realizado ou mesmo abordado nas décadas de 1930 e 1940”(Coulter, p. 55). Na verdade, a associação diminuiu durante este período.

Na época em que tudo isto estava acontecendo, a fundação estava sendo colocada para uma obra de Deus que teria impacto

mundial sem precedentes. Ao contrario de desperdiçar suas energias em brigas políticas dentro da Igreja, O Sr. Armstrong começou a fazer uma transmissão de rádio semanal regular a pregar o Evangelho ao mundo. O programa, chamado Radio Igreja de Deus, primeiro foi ao ar no KORE, uma estação de 100 watts em Eugene, no primeiro Domingo de janeiro de 1934. Em fevereiro daquele ano, o Sr. Armstrong começou a publicação de uma revista mimeografada chamada The Plain Truth (A Verdade Clara), que foi inicialmente enviada para cerca de 200 pessoas. Mal ele percebeu naquele tempo que Cristo o estava usando para levantar a sexta era da Igreja, tipificada pela Igreja da Filadélfia (Apocalipse 3: 7–13).

Além da transmissão de rádio semanal, o Sr. Armstrong conduziu campanhas evangelísticas em toda a área. Embora várias igrejas tenham sido levantadas como resultado de seus esforços, estas novas congregações geralmente se desmoronavam ou se desviavam por falta de ministros fiéis e dedicados para pastorear o rebanho. Durante este período, o Sr. Armstrong entrou em crescente conflito com a sede da Igreja em Salem por causa de seus ensinamentos sobre a identidade de Israel e os dias de sábado anuais. Embora Andrew Dugger tivesse admitido em uma carta particular que os ensinamentos do Sr. Armstrong sobre as "Dez Tribos Perdidas" estavam corretas, o Sr. Dugger recusou-se a publicar um artigo sobre o assunto na The Bible Advocate.

Finalmente, a questão dos Dias Santos veio à atenção em 1937. O seguinte é citado a partir dos minutos da reunião de negócios realizada em Detroit, Michigan, 5 a 10 de maio de 1937, pela Junta dos Doze Apóstolos da Igreja de Deus (Sétimo dia), a Sede de Salem, Virgínia Ocidental: "7 de maio, às 13:00 horas. Leitura da carta do Élder Armstrong aos Doze. Leitura em períodos de 20 minutos cada um dos artigos do Élder Armstrong sobre a Festa dos Pães Ázimos, a Páscoa, Pentecostes, Festa dos Tabernáculos, etc., seguidos de cada vez por discussão pró e contra pelos anciões... Uma decisão foi tomada quando dada a seguinte resolução: "Na medida em que alguns têm incomodado as igrejas, ensinando-as

que devem observar a Festa dos Pães Ázimos e os Sábados anuais ... reafirmamos os ensinamentos da Igreja de Deus sobre este ponto ... que não observamos tal costume " (John Kiesz, História da Igreja de Deus, p. 180). De acordo com os registros oficiais fornecidos por Virginia Royer, guarda-livros da Editora Igreja de Deus em Salem, "foi em 1938 que ele [o Sr. Armstrong] foi convidado a entregar suas credenciais por continuar a pregar contra a doutrina da Igreja "(p. 180).

Embora o Sr. Armstrong não tivesse mais as credenciais ministeriais da Igreja de Deus (sétimo dia) depois de 1938, ele continuou a ensinar e a pregar mais vigorosamente do que nunca. Conforme relatado em abril de 1939 Boas Notícias, a transmissão semanal da Rádio da Igreja de Deus estava chegando a 100.000 ouvintes no noroeste do Pacífico. Este também foi o primeiro ano em que, em totalidade a festa de oito dias dos Tabernáculos foi realizada em Eugene, com a participação de 42 pessoas. (De 1933 a 1938, os cultos foram realizados somente nos Dias Santos). além do Sr. Armstrong, outros anciãos da Igreja de Deus, como John Kiesz foram oradores convidados na festa até cerca de 1945.

Em meados de 1942, o nome do programa de rádio mudou de Radio Igreja de Deus para o Mundo de Amanhã, e houve um período experimental de transmissões diárias iniciado na área de Los Angeles. No final do verão de 1942, mais de 1.700 pessoas participaram de uma campanha evangelística que o Sr. Armstrong realizou no Biltmore Theatre, em Los Angeles. O trabalho que Deus estava realizando através do Sr. Armstrong estava crescendo e dando muito fruto. Em agosto de 1942, The World Tomorrow (o Mundo de Amanhã) foi emitido por todo o país, com um domingo transmitido pela WHO em Des Moines e, em 1943, WOAI em San Antonio foi adicionado. Por 1944, a circulação da The Plain Truth (A verdade clara) chegou a 35.000.

Enquanto o impacto do Trabalho que Deus estava fazendo através do Sr. Armstrong cresceu, a Igreja de Deus (sétimo dia) continuou a se dividir com mais igrejas e ministros independentes. Houve esforços em direção à unidade que resultou na fusão

dos grupos de Salem e do Stanberry em 1949. No entanto, essa própria fusão gerou divisões adicionais. Vinte anos depois, em 1969, a principal publicação da Igreja, A Bíblia Advocate, teve uma circulação de pouco mais de 2.000. A Igreja de Deus (sétimo Dia) representou a fase final do que é descrito em Apocalipse 3 como a Igreja de Sardis - uma igreja descrita como espiritualmente morta, embora alguns de seus membros andassem com Cristo de branco.

Portas Abertas e Crescimento Dramático

Em 1946, Deus começou a posicionar a Rádio Igreja de Deus, e o Trabalho que estava a ser feito através do Sr. Armstrong, para um crescimento dramático. De frente com as pressões da radiodifusão diária (para o qual Hollywood era bem equipado para prestar apoio técnico) e reconhecendo a necessidade de uma faculdade para treinar o ministério educado e fiel, o Sr. Armstrong pensou em se mudar para o sul da Califórnia. Ele localizou uma propriedade apropriada em Pasadena, e entrou em negociações para comprá-la.

Neste momento, o Sr. e a Sra. Armstrong fizeram uma viagem à Europa para investigar a possibilidade de estabelecer uma filial europeia do colégio para preparar ministros para um trabalho mundial. Ninguém poderia acusar o Sr. Armstrong de pensar pequeno! No entanto, a maioria das pessoas teria visto a sua ideia como totalmente irrealista. Afinal, apenas 50 pessoas compareceram à Festa dos Tabernáculos em Belknap Springs em 1946! Não havia nem sequer um colégio americano somente grandes sonhos e uma propriedade degradada com dois prédios que o Sr. Armstrong estava tentando comprar. Outros, dentro e fora da Igreja de Deus, estavam falando sobre “quando tudo isto se derrobaria”. No entanto, a visão e a capacidade de “pensar grande” eram qualidades que o Sr. Armstrong demonstrava em muita maior medida do que qualquer outro líder da Igreja de Deus do seu dia.

O Ambassador College abriu suas portas em outono de 1947, com quatro alunos e oito instrutores. A expansão, e um ramo da faculdade na europa, teria que esperar por um tempo.

Em 1949, os estudantes do Ambassador College realizaram sua primeira excursão batismal por todo o país. Muito do fruto desses primeiros passeios batismais liderados por estudantes foi refletido no aumento da participação da festa de 150 em 1951 para 450 em 1952. Em dezembro de 1952, o Sr. Armstrong ordenou os primeiros evangelistas desta fase da Igreja de Deus: Richard Armstrong, Raymond Cole, Herman Hoeh, C. Paul Meredith e Roderick C. Meredith. Em fevereiro 1953, Marion e Raymond McNair foram ordenados, elevando o total para Sete. Isto iniciou um período de rápido crescimento e desenvolvimento no trabalho. Depois das duas primeiras turmas de estudantes do Ambassador College terem graduado, uma escola de pós-graduação de teologia foi estabelecida. O Sr. Armstrong usou a Escola de Pós-Graduação em Teologia como um trampolim para aprofundar mais em um número de assuntos, sendo o mais importante o que envolvia a natureza de Deus e o destino do homem.

Ao longo de sua história, a Igreja de Deus tem sido não-trinitária, nunca aceitando as formulações dos primeiros conselhos católicos como uma guia para os cristãos. No entanto, nos tempos modernos, não foi até à primavera de 1953 que o Sr. Armstrong e os outros ministros começaram a desenvolver uma compreensão clara do ensino bíblico de que Deus é uma Família divina e que os seres humanos convertidos nascerão na ressurreição. No início, eles tentaram provar esta compreensão numa forma menos óbvia, usando a Bíblia. Em vez disso, eles encontraram esta verdade vital reafirmada em toda a Palavra de Deus. Apesar desta compreensão ser a implicação clara de muito do que tinha sido ensinado anteriormente, o Sr. Armstrong e os outros acharam difícil aceitar esta simples - mas profundamente importante e esmagadora - verdade. Este ensino fundamental das Escrituras - que podemos nascer na Família de Deus - é talvez a maior verdade que Deus restaurou, através do Sr. Armstrong, para a Igreja de Deus.

Dois gigantescos passos para a frente na pregação do Evangelho ocorreram em 1953. O ano começou com a abertura de uma das maiores e únicas portas na história do Trabalho. No 1º de janeiro, a Rádio Luxemburgo – naquela época a estação de rádio mais poderosa do mundo - começou a transmitir o mundo de amanhã para a Europa. Além disso, o Sr. Armstrong obteve tempo para uma transmissão diária transportada por toda a Rede de Rádio ABC.

Em fevereiro de 1953, Richard Armstrong (o filho mais velho de Armstrong, que morreu em um acidente automobilístico em 1958) abriu um escritório de correspondência em Londres. Em 1954, acompanhado por sua esposa Loma, Richard Armstrong e Roderick C. Meredith, o Sr. Armstrong realizou campanhas evangelísticas na Grã-Bretanha. Dentro 1956–57, o Sr. Meredith regressou para mais campanhas. Em 1958, de volta aos Estados Unidos, ele foi nomeado segundo vice-presidente da Igreja.

Em maio de 1959, o Sr. Armstrong anunciou que Meredith iria liderar outra série de campanhas na Grã-Bretanha. Aqui está o que ele escreveu para os colegas britânicos de trabalho: “O Sr. Meredith é totalmente consagrado, totalmente sincero ... Ele vai para vos dizer coisas que vocês não poderiam ouvir de outra fonte ... Vocês ficarão chocados, de surpresa - vocês ouvirão mais verdades reais numa noite destas reuniões do que a maioria das pessoas aprendem em anos da pregação de nossos dias!” (19 de maio de 1959). Por Outubro de 1960, o segundo Ambassador College abriu suas portas em Bricket Wood, Inglaterra. Em 1964, um terceiro colégio foi inaugurado em Big Sandy, Texas.

Como o número de ministros disponíveis para realizar viagens de batismo e pastorear igrejas aumentaram, assim como a colheita que estava sendo colhida pelo trabalho. O atendimento na festa saltou de 750 em 1953 para mais de 2.000 em 1957. Em 1961, os números eram quase 10.000 e, em 1967, mais de 40.000. A circulação da Plain Truth superou a marca de meio milhão em 1964, e atingiu um milhão em 1967. No final dos anos 60, O Mundo de Amanhã foi transmitido diariamente e ouvido por

dezenas de milhões de pessoas ao redor do mundo. No meio desta explosão mundial de interesse na palavra de Deus, em 1967, o nome legal incorporado da organização mudou de "Rádio da Igreja de Deus" para "Igreja Mundial de Deus".

Ao longo dos anos 1960, Garner Ted Armstrong (O Filho mais novo do Sr. Armstrong) foi o principal orador do Mundo de Amanhã e também como vice-presidente da Igreja. O Dr. Roderick C. Meredith (que em janeiro de 1966 recebeu seu título do Ambassador College Graduate School of Theology) foi nomeado diretor do ministério dos EUA.

Em 1967, a Sra. Loma Armstrong morreu aos 75 anos. No final dos anos 60, sinais de problemas futuros para o Trabalho já estavam surgindo.

Em janeiro de 1972, a Igreja foi abalada pela remoção de Garner Ted Armstrong de suas responsabilidades. Quatro meses depois ele estava reintegrado. Os anos 1970 viram na Igreja, como na América em geral, o surgimento de um espírito cada vez mais liberal e permissivo. Um número de ministros e membros deixaram a Igreja em 1974; crescente confusão doutrinal, juntamente com acusações de escândalo, agrediram o Trabalho. Depois de começar a recuperação da insuficiência cardíaca maciça em 1977, o Sr. Armstrong finalmente removeu seu filho de suas responsabilidades na primavera de 1978 e o desassociou em junho.

Em janeiro de 1979, a Igreja foi temporariamente atingida por uma concordata imposta pelo Estado da Califórnia. O Sr. Armstrong, de Tucson, Arizona (onde ele ainda estava se recuperando de problemas cardíacos), chamou o Dr. Meredith ao seu antigo trabalho como diretor do ministério, procurando restaurar estabilidade para a Igreja e o ministério durante este tempo perturbado. Ao mesmo tempo, o Sr. Armstrong procurou "colocar a Igreja de volta em curso" doutrinariamente após a abordagem doutrinal liberal e enfraquecida dos anos 1970. Na época de sua morte em janeiro de 1986, *The Plain Truth* (A verdade clara) teve uma circulação de mais de oito milhões de exemplares impressos em sete idiomas. A participação na Festa dos

Tabernáculos chegou a 150.000 em todo o mundo.

Quando Joseph Tkach assumiu o comando da Igreja Mundial de Deus com a morte do Sr. Armstrong em janeiro de 1986, a Igreja era aparentemente um corpo unificado. Ele apareceu focado na Obra de Deus na qual estava à frente e comprometido com a verdade. Houve problemas debaixo da superfície, no entanto. Tornaram-se cada vez mais óbvios, primeiro ligeiramente e depois com mais clareza.

A Fase Final da História da Igreja

Em Apocalipse 3, lemos sobre as duas fases finais da história da Igreja de Deus. A Igreja da Filadélfia é caracterizada pelo zelo de fazer o trabalho. Deus prometeu colocar diante deles uma "porta aberta" para pregar o Evangelho (v. 8), bem como para protegê-los da futura Grande Tribulação (v. 10). No entanto, há um sétimo estágio final da Igreja descrita, a Igreja em Laodicéia. Esta Igreja é caracterizada por mornidão espiritual e letargia (vv. 15-17). Tornou-se cada vez mais aparente, desde o início dos anos 70 em diante, que dois "espíritos" diferentes co-existiam dentro de uma organização - embora o Sr. Armstrong pusesse a Igreja "de volta em curso" durante os últimos sete anos de sua vida.

Começando cerca de um ano após a morte do Sr. Armstrong, começou uma gradual tendência de voltar para a abordagem liberal permissiva da década de 1970. Dentro de alguns anos, no entanto, as mudanças foram muito além das da década de 1970, apostasia total da Verdade - até ao ponto de ensinar a Trindade e que a obediência à lei de Deus (incluindo o sábado, dias santos, dízimo e carnes sujas) era desnecessário.

Em dezembro de 1992, 40 anos após sua ordenação, o Dr. Meredith foi forçado a sair da Igreja Mundial de Deus por causa de sua recusa em se comprometer com as forças prevaletentes da apostasia. Juntamente com irmãos e ministros fiéis, o Dr. Meredith mudou-se rapidamente para reviver a Obra de Deus sob a bandeira

da “Igreja Global de Deus”. Em seis semanas, a Igreja começou a produzir um programa de rádio semanal. Em maio de 1995, a Igreja começou uma transmissão televisiva semanal.

Em janeiro de 1995, a liderança da Igreja Mundial de Deus desistiu toda a pretensão de continuidade com a doutrina histórica da Igreja de Deus e abertamente abraçou a teologia protestante. Isto provocou um virtual "colapso" da organização, e levou à saída de milhares de irmãos, bem como dezenas de ministros de todo o mundo. Infelizmente, esta partida pós-1995 gerou muitas organizações concorrentes e à formação de uma multidão de ministérios independentes que continuaram a quebrar e dividir.

Em novembro de 1998, vários membros da diretoria da Global Church of God (GCG) tentaram encenar uma “aquisição corporativa” daquela organização para derrubar o Dr. Meredith contra os desejos da maioria do Conselho da Igreja dos anciãos. No entanto, a maioria dos membros e ministros da Igreja continuaram a reconhecer o Dr. Meredith e seu Conselho de Anciãos como a liderança humana da Igreja sob Jesus Cristo. Imediatamente após a sua saída do GCG, Dr. Meredith reviveu o Trabalho sob a bandeira da “Igreja Viva de Deus”, apoiado por milhares de irmãos e ministros fiéis, e foi de volta à televisão em menos de dois meses - na mesma televisão estação e no mesmo horário que os membros da diretoria do GCG cancelaram!

Quarenta semanas após o Dr. Meredith anunciar a formação da “Igreja Viva de Deus”, o GCG entrou em processo de falência. Desde então, os grupos dissidentes formados pela organização falida continuaram a se espalhar e dividir. Os dez homens que se sentaram no Conselho de Anciãos da GCG reconstituída em dezembro de 1998, após a expulsão do Dr. Meredith se dividiram dentro de alguns anos em pelo menos sete diferentes organizações da Igreja de Deus. Algumas dessas organizações ainda existem; outras entraram em colapso dentro de alguns anos da sua fundação. Ainda outras sofreram novos cortes e divisões que diminuiriam muito a sua eficácia em alcançar o mundo com a verdadeira

mensagem do Evangelho.

A Igreja Viva de Deus manteve o seu foco em fazer o Trabalho - alcançando o mundo com a verdadeira mensagem do evangelho de Jesus Cristo. Você está lendo este livreto por causa do espírito de trabalho em equipe e unidade que permitiu à Igreja Viva de Deus manter o zelo de Filadélfia como seu ideal comum, e rejeitar o espírito de auto-vontade e "descansando em suas honras" que afligiram tantos membros da Igreja de Deus da Laodicéia. A Igreja Viva de Deus está comprometida em viver de acordo com cada palavra de Deus— incluindo a "Grande Comissão" de Jesus Cristo para "entrar em todo o mundo e pregar o evangelho a toda a criatura" (Marcos 16:15).

O Dr. Meredith fez o melhor para garantir que o Trabalho continuasse poderosamente, mesmo que ele tenha que morrer antes do regresso de Cristo. Ele nomeou o Sr. Richard Ames - ordenado ao ministério em 1965 e ordenado um evangelista do Sr. Herbert W. Armstrong durante os Dias dos Pães Ázimos em 1984 - para sucedê-lo, se necessário, como o líder humano da Igreja Viva de Deus, para continuar realizando o Trabalho que Deus deu à Sua Igreja para fazer. O Sr. Ames foi um dos quatro apresentadores que dirigiu a transmissão mundial da Igreja de Deus no Mundo de Amanhã após a morte do Sr. Armstrong, e ele passou o último meio século como um pastor, professor e locutor de rádio, declarando o verdadeiro Evangelho a um mundo que precisa desesperadamente do regresso de Cristo.

Em toda a nossa volta, podemos ver como Satanás semeou confusão e desânimo. Muitos irmãos estão feridos e com raiva, ou foram oprimidos pelos cuidados desta vida. Outros foram enganados por falsos professores, e foram para a apostasia. Outros ainda se tornaram tão letárgicos e mornos que eles perderam a visão e apenas desejam manter congregações locais, não se importando mais em fazer o trabalho. Isto representa um cumprimento de Cristo, em Mateus 24: 10–13, advertindo a Igreja.

No entanto, o Evangelho será pregado ao mundo neste tempo

do fim (Mateus 24:14), e há uma assembléia crescente de crentes que são zelosos pela Verdade completa e zelosos em terminar a obra de Deus. Assim como o povo de Deus teve que fazer a partir do primeiro século, também as pessoas de hoje devem "batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos"(Judas 3). Deus claramente afirma que Ele "executará a sua palavra sobre a terra" (Romanos 9:28). Quem Ele vai usar para fazê-lo? De acordo com Daniel 11:32, é "o povo que conhece ao seu Deus se esforçará e fará proezas."

Onde está a igreja que Jesus construiu? Não morreu! Por contrário, desafiou os portões do inferno e está milagrosamente desafiando-os ainda. Hoje, a Igreja Viva de Deus continua a fazer a obra de Deus, proclamando o verdadeiro Evangelho a um mundo em espiral na direção à destruição. Graças à liderança fiel e dedicada do Dr. Meredith, milhões receberam através da Igreja Viva de Deus um aviso mensagem sobre a intervenção de Deus no final dos tempos nos assuntos mundiais.

Você será alguém a quem Deus usa para terminar o Seu trabalho do fim dos tempos? Tem você o verdadeiro espírito de Filadélfia que alcança a todo o mundo em genuíno amor e preocupação para compartilhar a mensagem da verdade de Deus e esperança? Você considera importante que a Casa de Israel seja avisada do tempo iminente do problema de Jacob? A Obra de Deus é mais importante para você do que o seu próprio conforto pessoal?

Nós, na Igreja Viva de Deus, entendemos que somos uma continuação da era da Filadélfia que Cristo ressuscitou através do Sr. Herbert W. Armstrong há muitos anos. Somos motivados por um senso de urgência em estes anos que são o prelúdio imediato da Grande Tribulação. Nós realmente acreditamos no que Jesus Cristo ensinou - que devemos trabalhar nas obras do Pai, enquanto ainda é dia, pois a noite realmente vem quando nenhum homem pode trabalhar (cf. João 9: 4)! Você também ouvirá as palavras de Cristo?

A Igreja Viva de Deus oferece uma variedade de publicações gratuitas incluindo um curso de estudo da Bíblia, livretos e a Revista do Mundo de Amanhã.

Os seguintes livretos podem ajudá-lo a entender melhor
Os planos de Deus para você e para o mundo.

Para solicitar sua literatura gratuita, consulte a próxima página para o endereço mais próximo de você, ou faça o pedido on-line em www.TomorrowsWorld.org.

Onde Está a Verdadeira Igreja de Deus Hoje?

**Restaurando
A Cristandade
Original**

**Os Estados Unidos
e Grã-Bretanha
na Profecia**

ESCRITÓRIOS REGIONAIS

ESTADOS UNIDOS:

**P.O. Box 3810
Charlotte, NC 28227-8010
www.TomorrowsWorld.org
Telefone: (704) 844-1970**

AUSTRÁLIA:

**P.O. Caixa 300
Clarendon, SA 5157, Austrália
Telefone: (61) 8-8383-6288**

CANADÁ:

**P.O. Caixa 409
Mississauga, ON L5M 0P6
Telefone: (905) 814-1094**

NOVA ZELÂNDIA:

**P.O. Caixa 2767
Shortland Street
Auckland 1140, Nova Zelândia
Telefone / Fax: (09) 268-8985**

FILIPINAS:

**P.O. Caixa 492
Agência Central dos Correios de Araneta
1135 Quezon City, Metro Manila, Filipinas
Telefone: (632) 239-4320**

ÁFRICA DO SUL:
Bolsa Privada X3016
Harrismith, FS 9880
Telefone: (27) 58-622-1424

REINO UNIDO:
Caixa 111
88-90 Hatton Garden
Londres, EC1N 8PG
Telefone / Fax: 44 (0) 844-800-9322